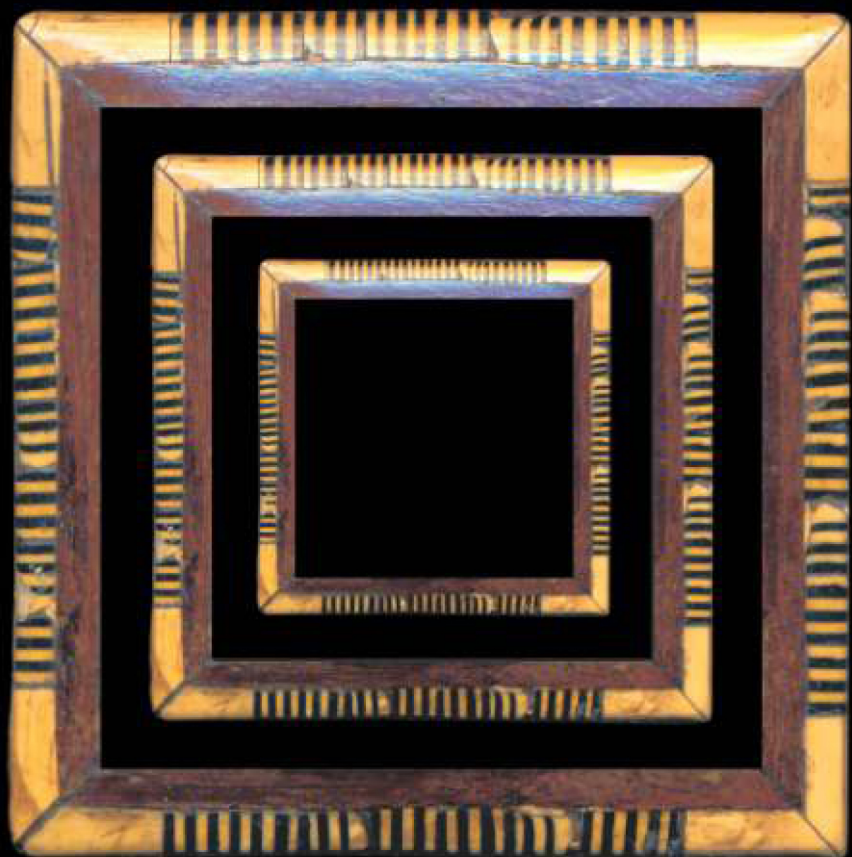


I PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos

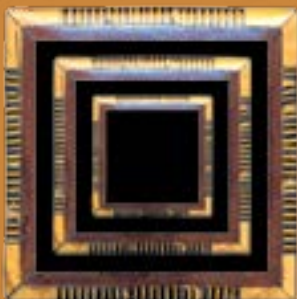


Esta publicação resultante do 1º Prêmio Proex de Literatura, ao reunir contos, crônicas e poesias de alunos, professores e técnicos-administrativos da UFPA, reflete o interesse pela participação sem fronteiras entre grupos, quando os produtos, embora produzidos e apresentados individualmente, aparecem numa coletânea e mostra artístico-literária de livre acesso público, na sua versão impressa e eletrônica.

A Pró-Reitoria de Extensão da UFPA apresenta esta Antologia como uma possibilidade, dentre outras, de valorização de produtos artístico-culturais produzidos pela comunidade acadêmica valorizando as diferentes linguagens, as várias maneiras de fazer artístico e suas possibilidades de formação e consideração aos processos culturais.

À configuração de uma política cultural abrangente e integradora, somam-se a valorização e o fomento aos Programas e Projetos culturais e de extensão da UFPA, bem como ações de dinâmica interna e externa à universidade, tais como a publicação da “Tucunduba:Arte e Cultura em Revista”, os “Prêmios de Arte e Cultura-2010”, as “Quartas Culturais”, os “Corredores Culturais para Belém” e as ações de interiorização como os “Encontros de Arte e Cultura”, em execução ou em fase de implementação.

I PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

REITOR

Carlos Edilson de Almeida Maneschky

VICE-REITOR

Horácio Scheneider

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Fernando Arthur de Freitas Neves

DIRETOR DE ASSISTÊNCIA DE INTEGRAÇÃO ESTUDANTIL - DAIE/PROEX

José Maia Bezerra Neto

DIRETOR DE PROGRAMAS E PROJETOS - DPP/PROEX

Durbens Martins Nascimento

DIRETOR DE APOIO À CULTURA - DAC/PROEX

Celson Henrique Sousa Gomes

CAPA E PROJETO GRÁFICO

José Fernandes F. Neto

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

José Fernandes F. Neto e Ione Sena

REVISÃO

Luis F. Branco

Catlogação na Fonte

Antologia: poesia, crônicas e contos. - Belém, 2010

Ao alto do título: Pró-Reitoria de Extensão

I Prêmio PROEX/UFPA de Literatura

ISBN: 978-85-63720-0

1. Poesia brasileira - Pará. 2. Crônicas brasileiras - Pará. 3. Contos brasileiros - Pará. I. Universidade Federal do Pará. Pró-Reitoria de Extensão. II. Prêmio PROEX/UFPA de Literatura (1. : 2010 :Belém (PA).

CDD - 22. ed. 869.98



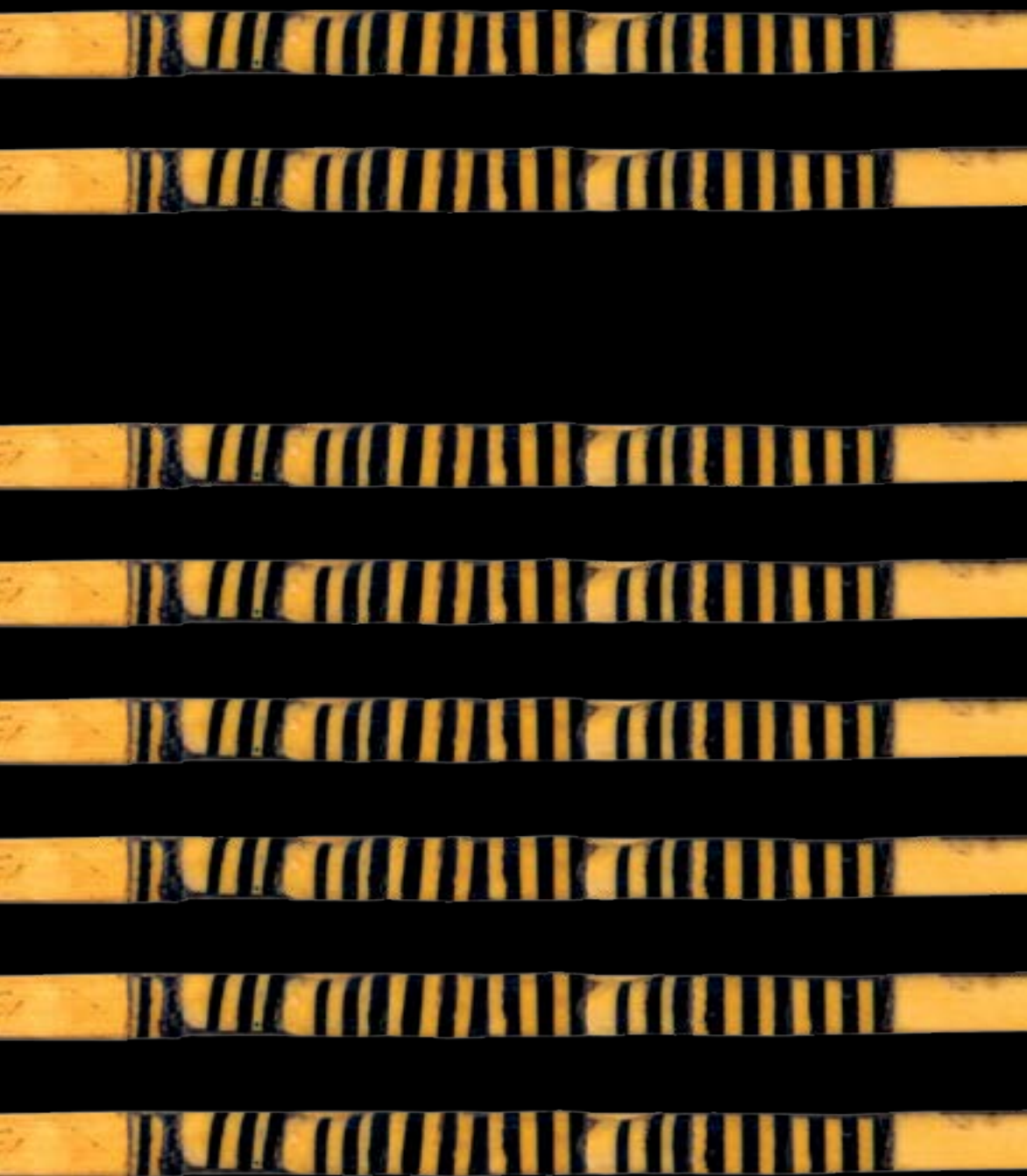
Pro-Reitoria de Extensão

I PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos

Belém/PA - 2010





Apresentação

A Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará entra na galeria das instituições a premiar a literatura no mundo. Embora modesto, este prêmio amplia o estímulo para circulação da produção literária originada na comunidade universitária. O formato da crônica, poesia e conto privilegia um recorte mais curto, porém relevante e característico da contemporaneidade. A velocidade do consumo das mercadorias, incluída a literatura, foi oportunizada pela indústria das editoras. Ainda no século XIX, Balzac tentou enriquecer com a nova indústria vendo nela um negócio muito lucrativo, sendo melhor escritor do que capitalista. Não chegou a ter lucro em seus investimentos, mas sinalizou a produção e leitura como fenômeno de massas da sociedade letrada em construção.

A iniciativa da PROEX não foi subordinada a uma perspectiva econômica. O interesse acadêmico preside nossa intenção ao conferir organicidade para literatura com a publicação resultante do 1º Prêmio Proex de Literatura, ao reunir contos, crônicas e poesias de alunos, professores e técnico-administrativos da UFPA. A opção por este recorte não desconhece outras modalidades como teatro, romance ou novela, apenas evoca as vontades e significados dos escritos guardados no dossel. Reunir estes trabalhos em um único livro está

de acordo com outras tantas versões de concursos realizados por academias, empresas públicas ou privadas e governos. Seria pueril justificar alguma originalidade. O propósito da iniciativa se contenta em atrair os escritores para que, lapidando suas peças, possam oferecer seu objeto para apreciação impressa e eletrônica. Há pouco tempo, João Moreira Salles dissertando sobre o tema Arte, Ciência e Desenvolvimento, em simpósio da Academia Brasileira de Ciências, demonstrou como as vertentes ciências e artes se divorciaram, com consequências, da fragilidade para o desenvolvimento.

Obviamente, há uma hierarquia entre os conhecimentos, resultados de uma valorização do sistema produtor de mercadorias. Mas, a valorização em arte como uma cultura de elite não despreza a convivência com a cultura popular, uma e outra convivem antropofagicamente em sua realização. A cultura de massas significa a cultura mix, um pouco e nada sem ser tudo, eis aqui o paradoxo moderno da criação artística ao reproduzir infinitamente o desejo de originalidade. Esta publicação não se reduz à tentativa do best-seller. Pretendemos mais. Queremos arranhar as fronteiras dos escritores colocando-os em um caleidoscópio da coletânea.

A Pró-Reitoria de Extensão da UFPA quer ser copiada, assim como copiamos e oferecemos a possibilidade de outras formas de ver o mundo; descortinando os sentidos até então ocultos na vaga entre o produto artístico-cultural produzido pela comunidade acadêmica e os outros humanos e sua linguagem cotidiana, quase rotineira, impressa nas relações sociais, para explorar as possibilidades de formação e consideração aos processos culturais.

De fios alheios temos tecido a política cultural, cuja experimentação e a pesquisa são parte constitutiva a ser observada com a publicação de Tucunduba: arte e cultura em revista; as Quartas Culturais e os Prêmios de Arte e Cultura 2010. Esses veículos terão

seu prolongamento na territorialidade de Belém como prenúncio do fomento aos programas e projetos culturais e de extensão da UFPA, a serem consolidados nos Corredores Culturais para Belém e nas ações de interiorização como os Encontros de Arte e Cultura, em execução ou em fase de implementação. A primeira edição do prêmio teve cerca de 140 inscritos e contemplou um total de 45 trabalhos. Sendo 20 na categoria poesia, 15 na categoria conto e 10 na categoria crônica. O primeiro lugar em cada categoria recebeu o Troféu Inglês de Souza, em homenagem ao escritor paraense, fundador da Escola Naturalista do Brasil, e uma premiação no valor de R\$ 1 mil. Os demais classificados receberam certificados de participação no concurso e agora têm o louro da publicação. A cultura de compartilhamento também foi produto do trabalho de equipe das diretorias da PROEX, a Diretoria de Assistência e Integração Estudantil e a Diretoria de Apoio à Cultura, trazendo à tona outros concursos literários que se perderam na memória da Instituição, nos dando o sustentáculo necessário para viabilizar a valorização da arte literária e mostrar a diversidade da produção expressiva dos alunos, dos técnicos e dos docentes da UFPA.

Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves
Pró-Reitor de Extensão da UFPA

POESIAS

- 19 Breves
Josiclei de Souza Santos
- 21 A água e o homem
Ivanês Lian Costa Araújo
- 23 Às margens do poema
Reinaldo Silva Santana
- 24 Me trop poli
Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior
- 27 Modernidade
Tércio Heitor de Sousa Moreira
- 28 Tatuagem
Inaê de Brito Albuquerque Nascimento
- 29 Máquina do mundo
Daniel Prestes da Silva
- 30 O vaso
Silvane dos Passos Barbosa
- 31 Chip
Ana Lia Magno Reis

- 33 Como morrem as borboletas
Ricardo Bezerra Sampaio
- 34 Vida?!?
Esther Mirian Cardoso Mesquita
- 37 Poemontologia
Francisco Ewerton Almeida dos Santos
- 39 Dentro do teu olhar-abismo
André Luis Valadares de Aquino
- 40 Canção para acordar Mefistófeles
(a Milton Santos)
Fabrcio Gean Lopes Guedes
- 43 História do Bené e do Borges na Biblioteca Estrela
Raphael Gomes
- 47 Tucunduba
Jorge Luis Ribeiro dos Santos
- 49 Diálogo
Thiago da Cunha Nascimento
- 50 Leve Peso
Abílio Pacheco de Souza
- 51 Guerra Fria
Antônio Eurico Barbosa da Silva
- 53 Pequeno irmão
Giselle Corrêa Alves

CRÔNICAS

- 59 Pelas mãos do tempo
Jorge Domingues Lopes
- 61 O dia em que eu nasci
Jeniffer da Silva Abreu
- 67 Bragabá
Bragança: Marabá – lembrança: memória
Abílio Pacheco de Souza
- 69 Ou vai-te: o pirangueiro
Raphael Gomes
- 71 O homem moderno
Fabrila de Cássia Silva da Rocha
- 75 O homem e o rio
Jéssica de Souza Carneiro
- 77 A morte do herói
Wilson Max Costa Teixeira
- 79 A encantadora de gatos
César Augusto Martins de Souza
- 83 A velha praça
Adriano Eduardo Costa de Figueiredo

- 85 **As diretas já, há alguns anos atrás**
Rosiris Lopes Rodrigues Mendes
- 87 **Pagar o mal com o bem**
Bárbara da Fonseca Palha
- 91 **De como se faz um prédio**
Jorge Luis Ribeiro dos Santos
- 93 **O dia em que me perdi**
Jamile Santos Lago
- 97 **O afeto nas relações humanas**
Otto (pseudônimo)
- 101 **Com quantos argentinos se faz uma derrota?**
Rolando Ortega já sabe: quatro são o suficiente
Adriano Wilkson Vieira Fernandes

CONTOS

- 109 O dia em que ele encontrou o mar
Jorge Fernando Negrão de Lemos
- 113 Os mortos
João Pereira Loureiro Júnior
- 121 Acácias
Adriano Wilkson Vieira Fernandes
- 125 Araguaia
Devilson Amorim do Nascimento
- 133 Amor malino
Antônio Maurício Dias da Costa
- 141 O homem que contava
Adelaide Maria Assunção de Miranda
- 147 A bruxa do Guamá
Arthur da Costa Almeida
- 153 11
Francisco Ewerton Almeida dos Santos
- 159 Quando naufragam as formigas
Jorge Luis Ribeiro dos Santos
- 161 O mal-humorado
Paulo Roberto da Costa Sá



Poesias



Breves

Josiclei de Souza Santos

O NAVIO

e sua monótona música
de aço
turbam o líquido silêncio
e não veem
o que vem
da margem:
um menino e seu casco

como rimar motor e remo?
como rimar infância e ferro?

O MOTOR

rumina água
mas seu alimento é o óleo
que
não se mistura
ao mister
ao misté-rio
e indiferente passa
na superfície

no seu rastro restam
menino e canoa: nau frágil
meus olhos impotentes dizem adeus
os dele me acusam
 enchem e vazam
 os meus

moderno antimilagre:
multiplicar a fome entre peixes
multiplicar o luto entre o verde

A água e o homem

Ivanês Lian Costa Araújo

Quem não vê não entende
o suor que chega das águas
nos barcos carregados de peixe.

O cheiro não é nobre
nem é pobre,
é cheiro de peixe.

É cheiro de gente
num lugar cheio de gente.

É escama de barco,
espinha de homem
que recorta o tempo sobre as águas.

Metade terra,
metade sonho.

Quem é pescador
já nasce esperançoso,
apostando nas águas do mundo,
procurando onde não se pode ver.

E sem mais palavras na rede,
o pescador volta a terra.

Metade gente,
metade peixe,
escama de homem,
espinha de Deus.

Às margens do poema

Reinaldo Silva Santana

às margens
do poema
o poeta
é uma concha

guarda em si o sal
da linguagem
& o estrondoso rebento
do poemar

Me trop poli

Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior

um lugar
que não é meu
pode me dar a poesia?

ele subiu
escalou minhas pernas
veloz dominador injusto
o poema

os versos golpearam-me o

ego

a técnica custou-me a carne...
o desprazer é a vontade de escrever
é a festa que eu não queria.

mas logo surgiram-me os convidados.
Rimbaud
cuspiu na minha mão
– um verso nojento

o desejo da chegada bastou.
copos sujos
varrer o caco das flores
e o falecido estado sólido
 pra debaixo do tapete
o frio
a chuva
impossibilitam o mundo exterior
ressaca cosmopolita
estou na província provinciana...
a janela se contorce
e desce
 em
 cachoeiras.

Modernidade

Tércio Heitor de Sousa Moreira

Quando morrem os sonhos,
Morrem os poetas.
Queimam-se as folhas,
Cinzeia o livro.
Tira-se uma parte,
Desfaz-se o todo.
Estanca a nascente,
Dissipa-se o rio.
Pois é de chuva que se faz o inverno.
E é por ouro que se faz caridade.
Assim o Amor – invenção da dor –
Antonimia a Morte, astúcia do Tempo.
Assim a cor, ilusão da luz,
Cria razões aos que sentimentam.
Assim a inveja, arma dos fracos,
Destrói o amor e a honra e a dignidade.
Acabam-se a lucidez, a compaixão e a sensibilidade,
Esvai-se a Paz.
Vive o homem.

Tatuagem

Inaê de Brito Albuquerque Nascimento

Se um dragão de pelo desfaz-se em flores
Uma mulher em um inverso homem
grava na pele as cores que vêm de dentro
não há oposto que não seja o próprio reflexo
Como o suave que causa estrago
O grito que acalanta a alma
A calma que esconde o fogo de um corpo que se inunda
de sal e água.

Máquina do mundo

Daniel Prestes da Silva

Trabalho.

Roda, roldana, engrenagem.

Luminosidade.

Esquenta o motor.

Tráááááááá...

O mundo gira;

A noite chega,

Clara como o dia.

E-LE-TRI-CI-DA-DE

Louvemos a energia!

Prótons, elétrons, nêutrons.

Á-TO-MOS

Combustão. Exaustão.

O mundo em constante

Humanização.

O vaso

Silvane dos Passos Barbosa

Na feitura do vaso dei tudo de mim.
Em cada canto deixo um pouco da artista aprendiz;
Quanto tempo levou para que tomasse a forma desejada!
Tantos tropeços, quantas alegrias, muitas tentativas e os inevitáveis erros.
No seu interior, duas lindas plantas nasceram uma após outra...
E o vaso estava quase pronto, mas precisava ser lapidado.
Isto só podia ser feito a dois, conseguimos, consegui!
O vaso chegou a um formato definido, sólido e bonito;
Eis seu estado até ontem.
Porque hoje, algo que não tem nome nem forma,
vai trincando suas estruturas.
Estou com medo...
De perder o vaso? Não sei...
Tenho medo de perder-me.

Chip

Ana Lia Magno Reis

Chove ácido sobre a folha geneticamente desenvolvida.
Eu, remanescente deste mundo de concreto, metal e sangue,
pareço tão virtual quanto um bit de computador,
um pensamento trocado por outro,
um indivíduo na multidão,
um parafuso escondido na estrutura;
um ser funcional sem identidade, sem rosto, sem valor.
O sistema me ampara em sua carne,
me alimenta e me anula,
me mata e me dá a luz a cada alta do dólar,
a cada tiro de fuzil, a cada troca de governo,
a cada nova descoberta científica,
a cada ideia esquecida, a cada paixão arruinada,
a cada poesia queimada.
Sou uno e sou todos,
sou mundo e sou lugar,
sou histórico,
sou dialético,
sou capitalista filho da puta,
sou complexo,

sou orgânico,
sou contraditório e mentiroso.
A vida é forjada por imagens virtuais
de amigos de infância, de músicas preferidas
livros novos, sofás, televisão;
implantados em nossa mente como um chip.
Ainda chove sobre a folha modificada,
ela também é funcional,
mas a borboleta sobre ela parece alheia a tudo isso,
ainda há esperança.

Como morrem as borboletas

Ricardo Bezerra Sampaio

Do casulo mais frágil
Às diáfanas asas
Da leveza mais sutil
Ao vigor de todo um colorido.

Beleza rara e fugidia
Que carrega toda a brevidade
Do existir.

Vida?!?

Esther Mirian Cardoso Mesquita

O que sinto pulsar dentro de mim?
Sonhos mortos. Poetas mortos
Se levantam com ousadia
E gritam e festejam nas minhas veias

Vida?!? Quanto tempo não a vejo
Não a reencontro nos sorrisos perdidos
Quanto tempo eu não grito, choro ou respiro
Com vida?!?

20 anos... sem grandes realizações
Sem vida?
Vivendo os sonhos que sonharam pra mim
E sufocando a minha própria existência

Engaiolada num sistema
Que corre contra a vida
Roubando a cada dia
Um pouco da minha primavera

Dormir é para tolos
Pois, quando acordo, estou mais velha,
Estou com um pouco menos de vida
Sendo empurrada pela maré...

Mas a respiração pesada
A sede e a ânsia que sinto
São vida... vida saindo pelos meus poros
Me dizendo... para vivê-la...
Aproveitá-la...

Carpe diem, diziam os velhos poetas
Mas eu sou mais velha que eles...
Matando meus sonhos
Calando as minhas poesias
Amordaçando a minha curta existência
Que já não sabe o que é vida...

O TEMPO É CURTO!

O coração acelerado
A voz que me impele a sair à noite
O luar que me atrai
O sol que não me ofusca
A chuva da qual não corro...
São vida...
A VIDA
Que bate no meu peito
E me faz escrever
É A VIDA
Que esta reanimando o meu corpo
O meu coração de pedra...
A mesma pedra que um dia
Jazerá sobre o meu túmulo
Para lembrar aos vivos...
Que eu morri...
Mas a vida será vivida
Para que o arrependimento
Não oprima os que chorarem por mim...
Que não chorem...
Que festejem...
A VIDA QUE VIVI!!!

Poemontologia

Francisco Ewerton Almeida dos Santos

Na noite passada perdi um amigo
Não chorei
Nem telefonei para a família
Não fui velar seu corpo
Não fui ao enterro
Nem – a-lugar – nenhum o dia todo

Permaneci em casa
completamente

Só

Esta noite fui ter com minha namorada
Como de costume
Talhamo-nos com nossas mágoas
Espancamos-nos com nossas faltas
Estrangulamos-nos com nossas neuroses
Assassinamos-nos com nossos passados
Demos um tempo para pensar
para ficarmos

Sós

A certeza inexorável do momento
Estivessem eles a meu lado

Eu

ainda assim
permaneceria

Dentro do teu olhar-abismo

André Luis Valadares de Aquino

a Izabela Leal

dentro do teu olhar-abismo
as formas dos antigos poemas
os poemas que deserdei
os poemas que encerrei
os poemas que se desmancharam de mim em água corrente
os poemas que se diluíram em outras palavras líquidas
os poemas que não assinei
os poemas que atirei sobre outros poemas
os poemas que não escrevi

dentro do teu olhar-abismo
se ex-creve para mim Outro Poema
(não poema)
teu olhar-palavra no escuro
um poema cego

Canção para acordar Mefistófeles

(a Milton Santos)

Fabrcio Gean Lopes Guedes

uma pílula
no coletivo de duas da tarde
em meio ao caos da Presidente Vargas:
Belém estúpida se rende
ao cansaço e ao fogo
fico cego
alguém grita o motorista de burro
por ter passado a parada
concluo que não vale a pena esperar pelo paraíso
nestas condições.

no coletivo todos somos irmãos em anulação
o calor bafejado pelo Orco
acende e ilumina o cansaço
tento abortar os pensamentos ruins
não conseguirei conduzir os porcos chiqueiro adentro
resignado,
adormeço debaixo das árvores do quintal
de minha casa imaginada.

pedaços de humanidade
farejam migalhas
indiferentes,
os automóveis passam
colherão violência na próxima esquina
mas nada os fará piores que os párias
que os sem nome, a escória:
à margem da Amazônia enobrecida de minério.

e o que sou diante da cidade?
restos de planos,
fonte estérea de desejos,
um pigmeu nordestino,
um nortista pau-de-arara,
aos olhos dos turistas paulistas
quem terá tempo de ter esperanças?
dentro do urbano movediço
há um acúmulo de projetos inconfessos
quanta humanidade disponível
para a hecatombe!

desço do coletivo
entro numa loja onde
há madames, crianças e adolescentes
viciados em ter:
a moda, o estável, a ilusão
comprarei roupas novas para ser
notado entre os amigos
chegarei mais tarde em casa
que de costume
ficarei horas em frente ao espelho
experimentando uma camisa nova
se Milton Santos fosse vivo e me conhecesse, diria:
“este é um perfeito imbecil feliz”.

História do Bené e do Borges na Biblioteca Estrela

Raphael Gomes

Pelas ruas da Estrela
Conheci um velho castanho
Que entre pencas de livros
Tinha o brilho dos d'antanho
Era o velho desejado
Dos saberes, sacrossanto.

Sua casa era um Aleph
Do Borges afeiçoado
Da Babel era errante
Nos Moldes dos desgraçados
Era a Sabedoria
Que lhe andava no encaço

A sua Biblioteca?
Thomas Mann mais sanatório
Era a “Montanha Mágica”
Universo-palavrório
Esse era o Benedito
Com seus ares de filósofo

Sentado em sua poltrona
Balouçava com o amigo
Era Borges do outro lado
Parolando sobre mitos
De universos paralelos
Espelhos de tempos idos.

Labirinto dos achados
Era Hora da Estrela
Misturados, englobados
Estava Sertão Veredas
Era a obra Roseana
A Clarice eira nem beira

Um cego que ensaia o conto
Que recita os ingleses
Um velho que escreve a vida
Críticas que fazem às vezes
Da Estética nortista
À Cosmogonia dos seres

Eu ouvi os dois falarem
Línguas nunca dantes vistas
Será que era a Orbe?
Cunhada pelo artista:
“Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”
Lá, nasceu e ganhou vida.

Atmosfera sinistra
Explodiu-se num rosário
Estante-eternidade
De círculo sacrário
Eles acharam o seu duplo
No infinito breviário

Entre sonhos memoráveis
De segredos inauditos
Fulgurava a besta-fera
Que abismava aos amigos
Um montava em seu dorso
Outro o honrava como Cristo

Era o Tigre imponente
De sonho rememorado
Por filósofo ensaísta
Por crítico-literário
Bené e Borges passadiços
Nos saberes mais velados.

Juntos por fim se ingeraram
Em saber o enciclopédico
Do ovo do basilisco
À “Passagem para o poético”
Do eterno “livro de areia”
Ao fraseado da Lispector

Esses são Bené e Borges
Na Biblioteca Estrela
No universo incandescente
No céu que nos incendeia
História mais erudita
De uma prosa tão perfeita

Ao tempo em que fui cantando
Me dei por mais outro livro
Mais um da Biblioteca
Por Bené e Borges lido
Quando fui ver o que era
Era eu cantando o mito

Depois eles penduraram
Tudo na grande Babel
Eu olhei tão pequenino
Eles me olharam do céu
Me apontaram, os dois sorrindo,
A Poesia de Cordel.

Tucunduba

Jorge Luis Ribeiro dos Santos

a garça esparsa a imagem
de lenços brancos ante a água rota
alva gota entre a ponte e a margem
na mistura espessa de objeto
em resto

a garça contamina de branco
o leite do dia em espanto
em meio a dejetos e bioma
desponta outra garça num canto
flutua no lixo do monte
dentro do nicho de humana fonte

a graça branca da garça
defronte da água impura
esgarça a futura asa leve
em salto breve sobre entulho
que sem barulho nos segue

a graça estaciona a garça
com os pés no ponteiro
do tempo ligeiro da arte
entre a maré e o descarte
que sobe no resíduo de tudo
onda no índice do entulho
onde a garça se diverte
assedida por garrafas pet

enquanto o absurdo e a massa
navegam feito feto o futuro
que assim não poderá nascer
se assim margeamos
a elástica distância do ser
entre decompor mais artes e plásticas
e compor mais lixo e plásticos.

na lama que suja o bico de pena
sem pena da alvura do quadro
das tucundubas águas turvas
– dá para pintar outro boto
dentro desta moldura curva
nesta tela canal de esgoto?

Diálogo

Thiago da Cunha Nascimento

Amazonas aladas – as palavras
Nascem do momento...
Voam!
Aninham-se em tua alma – terra propícia
Como sementes semeadas,
Germinam!
Fincando fundo raízes ávidas
Frutificam
mais Amazonas aladas
que pousam em mim.
Perdem-se no ar...
sem recuperar...
sem retornar...
sem apagar...
– O estardalhaço já foi feito! Dizes.

Leve Peso

Abílio Pacheco de Souza

Maré cheia!

A leveza férrea da máquina sobre o rio Guamá
adeja sobre águas turvas e pesa.

E pesa! a mesma coisa de ferro que adeja pesa.

Como pode?

Meu ser tão leve que sinto

já não boia como esta coisa de ferro.

Meu ser tão leve

tão leve afunda

tão leve imerge

Tão leve... pesa?

neste leito de existência.

Se fosse eu de ferro

de ferro! boiaria neste rio?

Entretanto, recuso o sofisma imediato.

Recuso ser boiante no mundo.

Leve, afundo

Guerra Fria

Antônio Eurico Barbosa da Silva

Nas miras dos teus olhos de longa distância,
Procuro armar-me do poder que não tenho,
Para não sucumbir aos teus desejos,
Que são meus também.

Porém te colocaste adiante,
Fizeste morada entre as estrelas,
E te fizeste dona de um espaço menor,
Que o espaço dentro de mim.

Outrora tenho pensado,
Transfigurar-me em tom de desafio,
Atacar sem piedade a marinha dos teus olhos,
Neutralizar este medo que me incomoda.

Uno a mim em lucidez,
Raras forças de vontade,
Sedentas de liberdade...
Sublimadas e transformadas em vapor.

Armo-me de palavras,
De frases mal formadas,
Sentimentos nucleares...
Mas me atinges com olhares.

E meu mundo se parte em dois,
Rasgas tua parte de mim,
E dentro do meu peito,
Crio um muro de Berlim.

Meu mundo é mais teu que meu,
Mas não quero lucros maiores,
Que dentre os pormenores,
Não me esquecer quem sou eu.

Quero poder resistir,
Mas sou potência impotente,
Uma vez que o desejo latente,
Toma conta de mim.

E a crise se instala,
E inda mais rápido que bala,
Quebras o muro em mim
E recria-se um mundo.

E fico só,
Em campo aberto,
Peito à mostra,
Alvo fácil...

E aos poucos me sufoca
De saudade,
E me mata
De desejo.

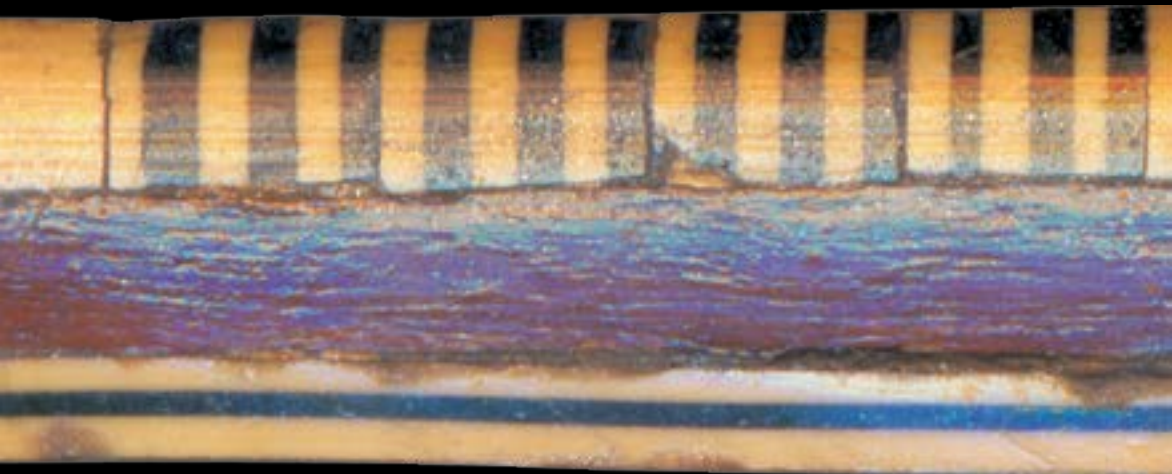
Pequeno irmão

Giselle Corrêa Alves

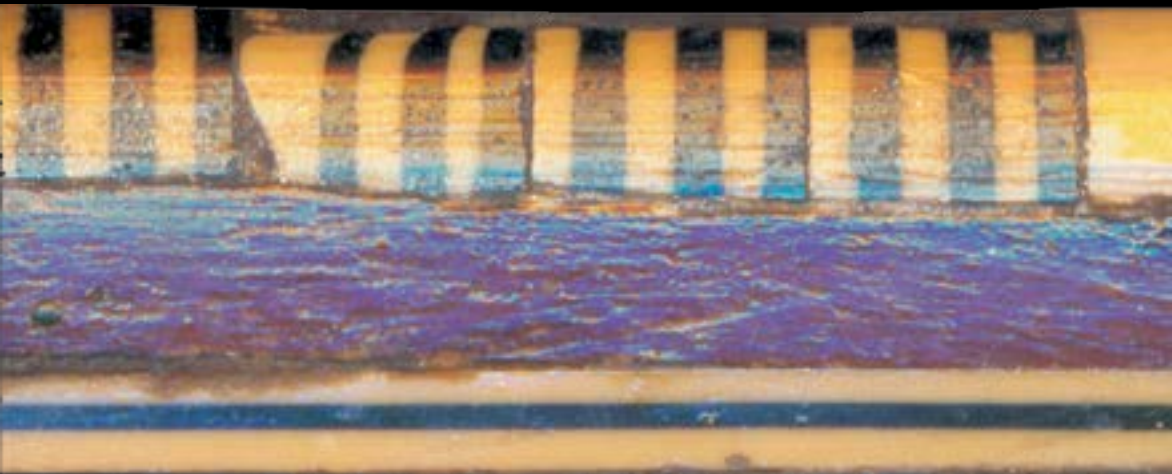
Diferente de todas as coisas,
hoje me sinto só.
Não aquela solidão perfeita
que nos invade e nos deixa moribundos.
Mas aquela,
perdida entre anseios e deslumbres.
Uma solidão invisível.
Um não sei quê de lembranças,
umas saudades da infância
que se perderam num então.
Estás indo...
Não aquela ida perdida,
mas a partida sentida,
como uma velha ferida,
que se rói sem perdão.
Sou só,
e agora mais ainda.
Aqueles brigas ambíguas
sem culpa e nem perdão,
ficam guardadas e se perdem
quando o vento repele toda mágoa em vão.

Fotos e revistas de músicas
daqueles tempos de ruído.
Uns gritos obscuros queriam calar uma obstinação.
Um gato enforcado,
um miado abafado,
um filme escolhido,
uma bobagem repetida,
um sumiço repentino
só para chamar a atenção.
Um porre arrastado pela estrada,
uma vergonha mal-encarada,
uma desculpa meu irmão.
Uma música tola que martela a mente:
“...menina me perdoe eu não queria dizer aquilo...”
Ou o pai entre bocejos repetindo:
“Vai fechar a porta,
apague as luzes,
solta o cachorro,
guarda a comida e a bicicleta.”
Já vais?
Fica mais um pouco...
Sou tão só,
tão tosca.
Mas tu
és o contrário
do que não fui.
Sou como areia de gato,
talvez por isso goste tanto de gato.
Mas...
não é sobre mim.
Minha existência já é tão vaga,

sem tu será pior ainda.
Mas...
Vai com Deus.
O teu futuro será melhor
do que jamais sonhei.
Não esquece de mim,
tua tosca irmã.
Não suprirei tua falta
ante meu pai e tua mãe.
Lembro de quando éramos pequenos,
do nosso pai saindo à noite
e o meu nome entre um chorinho abafado,
era meu pequeno irmão
me pedindo para deitar ao seu lado.
Criança...
Saudades???
Não.
Só aquela tristeza pagã.
Nem sei quando começou,
quando tu nasceste
ou era ciúme
de quem perdeu o título de caçula?
Pouco importa.
Ficarei aqui
para quando voltares.
Tentando viver
entre uma alucinação e um devaneio.
E só lembrarei de ouvir meu nome,
entre um chorinho abafado,
quando tu eras pequeno, meu irmão,
me pedindo para deitar ao teu lado.



Crônicas



Pelas mãos do tempo

Jorge Domingues Lopes

ASDF ÇLKJ. Assim prosseguimos preparando, letra após letra, sequência após sequência, linha após linha, a lição diária.

Com a voz calma e segura, própria daqueles que abraçaram a força e a disciplina de uma vida militar, ele distribuía os modelos em páginas amareladas pelas mãos do tempo e nos orientava a pousar adequadamente todos os dedos sobre as teclas e a transferir de uma página à outra, com repetidos movimentos ritmados, sem nunca olhar o teclado, tudo o que nos apresentava como lição.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo, e vice-versa, iniciávamos timidamente os primeiros toques e, sem dizer palavra, apenas ouvíamos o ziiiip do carro a girar e correr, e o tec-tec-tec das duras teclas quase apagadas da velha Olivetti 47, que conduziam as longas hastes de metal a chocar-se, até com certa violência, contra a superfície lisa da folha virgem, fazendo nascer a cada instante, além dos caracteres uniformes e negros, a habilidade no uso daquele ruidoso instrumento.

Porém, mais de uma vez minha juventude quis burlar as regras para abreviar o tempo do aprendizado, pois não compreendia bem o porquê daquele lento e cadenciado ritual. Uma lição por dia, nem mais nem menos. Primeiro, duas cópias em papel jornal e, só depois, a cópia definitiva, incólume, no raro e perfeito papel branco, objeto

de desejo para nós, guardado cuidadosamente pelo nosso professor de datilografia.

Aprender se traduzia em aumentar a velocidade dos toques proporcionalmente à diminuição da quantidade de erros no texto produzido, sempre com muito estilo.

Com o avanço das lições vieram outros desafios como o ditado, o tempo cronometrado e, talvez, o pior deles, a caixinha, engenhosamente projetada para encaixar-se sobre o teclado de modo que, se não impedia a datilografia, vedava por completo nossa visão das teclas. Memória e coragem para prosseguir.

Ao termo de seis meses, as letras sem sentido transformaram-se em palavras, textos e formas, que nasciam vertiginosamente da estranha (e quase caótica) dança dos meus dedos; foi quando percebi que escrever era tão fascinante e *natural* quanto falar.

Meus irmãos e eu concluímos com louvor as lições, cada um a seu tempo e, apesar de nunca termos recebido nenhum diploma desse curso, sei que levarei comigo algo ainda mais precioso: a lembrança do eco das pesadas teclas da velha máquina de escrever que preencheu, quando eu-menino, aquelas manhãs iluminadas em que meu pai-professor-amigo pousou suas mãos sobre as minhas e, pressionando tecla por tecla, iniciou-me, talvez sem saber, na árdua e necessária tarefa de eternizar palavras e sonhos.

O dia em que eu nasci

Jeniffer da Silva Abreu

Meu pai, sempre que conhecia alguém, apresentava-se “João, mecânico e flamenguista”. Ele cresceu em meio a outros mecânicos e flamenguistas, taxistas e flamenguistas, porteiros e flamenguistas e como todas as pessoas que conhecia, levava com muita seriedade o lema “uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”.

Quando garoto, ele jogava futebol toda tarde e tinha o sonho de ser profissional, viveu a fase áurea do esporte e assistiu aos ídolos enlouquecerem a torcida, jurou, então, que se viesse a ter um filho homem, certamente seu nome seria Zico.

O ano era 1991, minha mãe após cinco anos tentando engravidar, havia, finalmente, dado à luz uma menina saudável, meu pai, com receio de não ter outros filhos, logo tratou de cumprir a promessa com a pequena Zica, e como quase sempre acontece nesses casos, poucos meses após ter minha irmã, minha mãe soube que estava esperando outro filho, esse filho era eu, e desde o ventre acompanhei todos os jogos do Flamengo. Particularmente, naquele ano, o time desempenhava uma campanha inacreditável, minha mãe, envolvida com a atmosfera inebriante, fazia-me viver todas as sensações da torcida por um título, e finalmente aconteceu, o Flamengo venceu, conquistou o Campeonato Brasileiro de 92, eu vim ao mundo uma semana depois.

Foi um ano muito feliz, cheio de emoções – ansiedade, expectativa, euforia – e em meio a isso tudo, claro que meus pais não chegaram a pensar em um nome para o pequeno que viria, então quando, enfim, conheceram o meu rosto, os palpites começaram. Diante da onda rubro-negra que se alastrou por todo o país, milhares de Marcelinhos, Fabinhos e Juniores brotavam a cada segundo em todos os cartórios, o Flamengo era penta, nenhum outro time fizera essa façanha, mas um urubu de coração nunca está satisfeito, então meu pai teve a melhor, impensável e magnífica das ideias... E se ele fosse o único a pensar no próximo título? No próximo ano, o Flamengo novamente seria campeão e todos saberiam que ele o homenageara antes de todos! Sim, isso seria fantástico! Talvez aparecesse nos jornais, quem sabe na televisão, e assim ele seria consagrado o maior flamenguista, o número um dos torcedores...

Fui registrado e batizado: Hexa da Silva Machado. A previsão do meu pai não se concretizou, ele não foi reconhecido como o maior dos torcedores, o Flamengo não foi o campeão do ano de 93, nem do ano seguinte, nem do próximo... E assim, eu não cresci como o marco da conquista, como um símbolo de vitória, mas tendo que carregar no nome a vergonha de uma aposta que não deu certo, eu não conseguia entender o motivo de ridicularizar um filho apenas por um sentimento tolo por um time. Para expressar o meu descontentamento, neguei-me a ser o filho homem do meu pai, não gostei de futebol, não entrei no time do colégio, nunca fui a um estádio, nem na TV eu acompanhei jogo algum. Eu queria que ele sofresse por todas as piadas que ouvi, por todas as vezes que tive que explicar a autoria da minha bela graça.

Em busca de omitir a verdadeira história sobre o meu nome, criei uma versão mais fantástica e, de algum modo, pior ainda. Meu pai teria sido um super-roqueiro nos anos 80 e deu-me o nome de um de

seus ídolos, o Axl Rose, porém, como visto, o cartorário não entendeu muito bem. Com o tempo, percebi que não era a história em si que me incomodava, mas o Flamengo ser mais importante do que eu.

Agora eu já era um homem, com barba no rosto e pelos sobre o peito, como todo ano, novamente o campeonato começou, eu indiferente. Evitei todos os comentários, programas esportivos, bolas cheias, bolas murchas, tudo representava meu pai na sala com os amigos, a bandeira repugnantemente exagerada cobrindo toda a parede do cômodo. Como entender esse tipo de sentimento? Esse time não ganha nada, nunca! Mais um ano e esse desperdício de tempo e vida. Vão lutar pela salvação da Amazônia!

Os dias passaram, porém esse ano não era como os outros, alguma coisa diferente estava acontecendo, as pessoas na fila do banco comentavam, quem esperava o ônibus no ponto também, parecia que nada estava decidido, vários times poderiam levantar a taça, a liderança mudava a cada semana, e um furor foi crescendo nas casas, nos elevadores, nas ruas, na cidade... mas eu não estava interessado.

– Quem tá ganhando?

– Que novidade é essa, desde quando te interessas por futebeol?

– Foi uma pergunta sem pensar, ouvi o gol lá da cozinha.

Faltavam duas rodadas para o campeonato terminar, e o Flamengo finalmente tinha a chance de ser líder, eu odiava esse time, mas algo era perturbador, tranquei-me no quarto e assisti escondido ao jogo pela televisão, discretamente torci, sem também demasiado apego. Empatou. Perda de tempo e vida.

Meu pai, minha mãe, os parentes e amigos, até a Zica, todos continuaram perseverantes. Tolice a deles, claro que o Flamengo não ganharia, perdeu a chance de ser líder no fim do campeonato, time “amarelão”.

Na rodada seguinte o Flamengo conquistou a liderança, faltando apenas uma para a grande final. No dia mais esperado do ano para a minha família, tudo arrumado, organizado e ensaiado.

– Vou dormir, estou com um pouco de dor de cabeça e os gritos de vocês certamente não ajudarão.

Tranquei o quarto, liguei a televisão, apertei o botão de mudo e ouvi o jogo pelo rádio com fones de ouvido, ninguém podia desconfiar que eu estivesse assistindo. A torcida inteira uniformizada, não é preciso gostar de futebol para reconhecer que é uma linda imagem. Os gritos de guerra vibrantes, o Maracanã com lotação máxima. Qualquer um gostaria de presenciar esse evento, isso não tem a menor relação, melhor, nenhuma relação com gostar de futebol. Vivemos no Brasil, somos praticamente obrigados a conhecer alguma coisa desse esporte, definitivamente não significa gostar de futebol.

Aos trinta minutos do primeiro tempo o adversário faz um gol. Todos calados na sala, não ouço nem um suspiro. Mas o Flamengo empata e a euforia toma conta. Intervalo. O segundo tempo começa e a torcida acredita.

– Vai que dá! Gritei sem querer, será que alguém me ouviu?

Um desespero foi crescendo, a ansiedade, que coisa mais maluca, em um instante estava consciente, agora torporoso, inebriado. Não consegui mais ver os jogadores, a tela parecia distante, cinzenta, as palavras do narrador transmitidas pelos fones de ouvido, cada segundo ficavam mais fracas, quase inaudíveis... E então “Goooooooooo!”. Lágrimas caíram dos meus olhos, o jogo estava terminando, todos já se levantavam, começavam a entrar no campo, estava acontecendo, isso mesmo, havia acontecido. Não comandava mais minhas ações e sensações, meu corpo fluiu livre, como se expressasse o que sempre foi destinado a fazer, eu finalmente entendi, compreendi o que é amar um time, em um gesto arrebatadoramente libertador, gritei:

– Heeeeeeeexa!

Todos correram para me ver, eu caído de joelhos e aos prantos, não acreditavam, e ali, presenciaram com os olhos marejados, em 6 de dezembro de 2009, às 18 horas e 30 minutos, pesando 70 quilos, o dia em que eu nasci.

Bragabá

Bragança: Marabá – lembrança: memória

Abílio Pacheco de Souza

Bragança: Marabá é uma cidade submersa cuja imagem vítrea permanece no côncavo de meu cristalino de vinte e sete anos. E de onde emerge a Pérola do Caeté tal qual a Mesopotâmia de meia década. Se me não canso de emparelhá-las é por ser uma a matriz intacta de que fala Ítalo Calvino e a outra a que nasce e traz à tona a primeira. E assim passei três semanas em Bragabá.

Dez minutos de caminhada rodeado por silêncios: passos rápidos em pisos irregulares, tempo quente, vento brando, calor gostoso de sol de sete e meia da manhã. A torre da Telepará marcando o caminho: inerte. Próxima, inalcançável; riscando azul e algodoneiros. UFPA descalçada, poeira e pó da entrada (sem pórtico) até a sala de aula. Camaleões nas árvores cagando e caindo sobre cadernos e alunos. Prédio ad aeternum em construção e Letras buscando espaço...

Mulheres nas portas, homens nas ruas, velhos nas calçadas, motos e motos, bicicletas... crianças correndo, jogando bola, rindo de nada e de tudo. Praça e praça: mini bugs, pipoca, sanduíches. Praça, igreja, orla e rio. Praça: lazer. Praça: trabalho. Praça: orla, bares, bares e barracas de tacacá.

Ontem a polícia prendeu um bandido: puseram no carro com vidro sem fumê e na frente batedores em buzinações. Disseram-me

(eu me ouvi dizendo para mim) que aqui isso é comum. A população petrificada se recongela idêntica à outra jazente na retina fatigada. E explodem apupos e aplausos desmanchando-se como as estátuas fossilizadas (na memória).

Ontem deram-me uma carona. Passaram nas bordas da feira. Um bêbado, ou doido, ou apenas um transeunte distraído. Aos meus ouvidos e de meu olvido: busina e palavras, mas o homem apenas adeja até a borda da rua.

Ontem!?

Ou vai-te: o pirangueiro

Raphael Gomes

Voar, tépido e adejo, pendurado, por um fio de navalha – 030 ou 010 – pulsante (lá sei vai a cabeça do motoqueiro!).

Copular com o vento, planar no firmamento, mais perto do astro-rei.

Ostentar sua beleza de tecido, plástico, cartolina, seu rabo viperino, a todos da abóbada celeste tecida, granjeando pensamentos (olhares) sobre os seus movimentos.

E quando se fizer senhor: lutar, lutar e lutar, pois não tem raça mais nobre. A covardia passa onde? O pirangueiro vira chiste. Num voo rasante, numa cambalhota cadenciada, por cima, por baixo, mede as forças com seu inimigo, e depois de um cumprimento válido de cabeça, sai-lhe levando os fios de vida que lhe tecem as Parcas.

Assim corre-se, num breviário de herói mítico e antológico, a existência das pipas, arraias, rabiolas, pandorgas, papagaios, curicas, candulas, tonel, cometas, pajáras, barréis, kites and pipes; cujos nomes são, como os nomes dos mitos, representantes de um aspecto irreduzível de sua existência multifacetada.

Pois as pipas somos nós e muito mais no céu. Os velhos sábios, xamãs, de épocas montanhosas, estão lá, são elas, suas consciências e suas gingas, seu samba-rock aéreo, pois que no ar toda a história (e todo sonho) está revolvida pelo vento.

Querer paganismo, querer religião mais telúrica que a das pipas? Elas se amam e se odeiam no espaço de um átimo de segundo, e ao mesmo tempo em que se acasalam visceralmente pelos rabos pavoneantes (cortando-se e aparando-se), se matam e se cortam; se imobilizam num vórtice de cola, vidro e energia cuspidada, quedando-se inermes, entregando-se ao uno espasmódico do ser, sendo todo esse rito mediado pela mão vibrante, o olhar terrífico e o esforço orgástico da criança.

E que espetáculo é a derrota destes seres alados! São espíritos que derivam dos nossos espíritos. É a sociedade desejada, que, mais por gracejo e covardia do que por qualquer outra coisa, preferimos projetar no céu, onde as coisas são claras e eternas, onde, dizia o alemão empinador de pipa: “para quem sofre, é uma alegria esquecer o próprio sofrimento”. Coisas do delírio humano.

Talvez por isso, em temporada de pipa, salpique-se mais o céu dos pobres do que dos ricos, pois que uma criança pobre prefere perder-se no céu, imaginar-se voando, sem fome ou coisa que lhe valha, sem memória, imaginando-se caindo nas águas de além-mundo, no qual poderia alçar mais voos e conhecer mais firmamentos.

Mesmo derrotada, a pipa não sofre, pois morre com honra, e sabe que irá voltar, depois do Hades (e o inferno somos nós sim!) e pelas mãos de um sacerdote qualquer, viverá com as nuvens por outra pipa, amiga e inimiga que lhe espelhe a consciência pelo céu.

Assim diziam os velhos de outrora; eu subscrevo.

Assim discursou o velho empinador ao moleque empinador, e este sem entender nada, fez uma cara de engulho e continuou a subir sua rabiola bicolor pensando que nunca ia beber quando ficasse velho.

– Vê lá seu Chico, vô pegá aquela curica. Olha só... tá baxando... Vai penoso!

O homem moderno

Fabrila de Cássia Silva da Rocha

De repente ele sentiu que o chão tremeu. Olhou assustado para baixo e viu abrir entre seus pés uma brecha.

A brecha que se abriu era demasiada profunda, escura, sombria, e parecia ir até o infinito da terra. Causava frio na espinha, ou no coração – ele não sabia direito onde sentia, nem se realmente era frio o que sentia. Mas a curiosidade de olhar bem de perto até onde iria aquilo aberto no chão era tão inquietante, que se sobrepôs a qualquer outra sensação que ele poderia sentir naquele momento.

E o homem dominado pelo desconhecido que se abria de repente sob seus pés, jogou seu corpo no chão com o rosto mergulhado na brecha.

Tudo escuro.

Tudo demasiadamente profundo como o silêncio que dali vinha – um silêncio perturbador! E aquele silêncio inquietava aquele homem mais que toda agitação do mundo, porque aquele silêncio era semelhante ao seu cotidiano – escuro, profundo, misterioso.

Ele via o vazio da escuridão. E o vazio gritava o silêncio. E o silêncio devorava o homem.

Aquilo tudo era imenso inquietante. A brecha parecia alcançar o infinito de tudo o que não se podia ver a olho humano. Mas ali estava. Estava ali toda a nudez da escuridão, mais visível do que nunca,

alcançando toda a inquietante natureza do homem debruçado de cara na brecha desconhecida. Ele, homem, afogando-se de observação curiosa mergulhado na escuridão indecifrável.

Aquilo tudo sufocava e paralisava aquele observador que não sentia nada mais forte ou sedutor ou inexplicável que a necessidade de permanecer ali tentando decifrar o que havia naquela brecha infinitamente escura que se abria sob suas raízes.

Os pés do homem pareciam tremer, mas não se podia, porque são os pés que sustentam tudo o que somos de matéria bruta, ou tentam suportar (ele não sabia direito como organizar essa ideia). Também não importava, ele já estava deitado de peito no chão. Ele suava diante do desconhecido e a gota caía na brecha e quando chegasse no fim, se houvesse esse fim, poderia encontrar o que esse homem gostaria de alcançar: os limites daquela brecha.

Sabendo-se os limites e as extremidades das coisas e das pessoas podemos ter mais conhecimento e controle, pensava ele. E doía desconhecer tudo o que estava ali: um descomedido vazio de torturar qualquer raciocínio.

E naquela imensidão de nada que ele pudesse dar nome, mas via, ele esqueceu de todo o presente que vivia ali deitado no chão, e passou a lembrar de sua infância: um menino alegre correndo no mato rasteiro; ele corria com seus amigos e sorria e corria não sabia para onde porque isso não importava também, tudo o que existia era o momento presente e os pés descalços pra sentir a grama molhada da chuva da noite anterior que ele também aproveitara muito bem, tomando banho na bica e jogando bola. Ele quase não tinha roupas e era bem mais feliz do que agora com tantas gravatas, paletós e calças e sapatos sempre bem engraxados.

Lembrou que naquele momento ali deitado no chão estava vestido assim: gravata, paletó, calça e sapatos engraxados. Que

estúpido eu sou – pensou – e começou a lembrar que quando era um menino conhecia o formato de seus pés e até brincava com eles colocando folhas entre os dedos, enfeitando de objetos, fazendo deles estradas de carrinhos e formigas.

Hoje é como se não os tivesse mais, era uma pessoa com os pés amputados pelo dia a dia corriqueiro; nunca mais olhara seus pés, não sabia que forma eles haviam tomado, seus pés deveriam também estar adultos como ele. Ou ainda conservariam o aspecto infantil? Será que havia crescido pelos neles?

Sentou no chão, tirou os sapatos, as meias. Ali estavam eles!

Ainda eram pés de um menino – só que grandes agora. O homem sorriu. Mexeu seus dedos e sorriu novamente.

Depois lembrou de cada parte do seu corpo e resolveu tirar toda a roupa para se ver, se reconhecer.

Tirou os cintos e as calças, já sorrindo; tirou a gravata desatando aquele nó que ele nunca entendera e o sufocava o pescoço diariamente; tirou o paletó. Só restava a camisa branca – ele já era quase um homem liberto, faltava pouco, pensou.

Olhou para seu corpo reconhecendo cada parte: suas pernas já cabeludas mas ainda médias e finas (ele sempre se orgulhou quando criança do formato de suas pernas, lembravam as de seu pai); olhou suas mãos e elas pareciam não pertencer àquele corpo porque estavam endurecidas de marcas, como se tudo tivesse sido gravado nas suas pobres mãos e ele não as queria assim, ele queria ver suas mãos sorrirem.

Tirou a camisa branca que restava, sentiu que suas mãos sorriam. Agora faltava o mais difícil de todos: sua cueca. A que ele usava era verde-limão, se lhe perguntassem enquanto estava vestido não lembraria da cor. Mas como a cueca era a única coisa que restava ele a via muito bem, mas não sabia porque vestiu aquela e não outra.

Faltava apenas aquela cueca para ele, depois de muitos anos, voltar a ver/conhecer seu corpo novamente. Faltava apenas a cueca para que a fala entre o homem e seu corpo que o acompanhava quase inexistente fosse realizável.

Ele colocou suas mãos na cueca, suas mãos sorriam alto. O homem lembrou da brecha que se abria no chão, olhou para ela, e ela continuava ali – mas agora com o homem de pé parecia que a brecha diminuiria.

Olhou para suas mãos na cueca, olhou para seu peito, olhou para a brecha no chão.

E naquele momento ele percebeu assustado que a brecha que se abria no chão era o reflexo do buraco da sua própria-solidão.

O homem e o rio

Jéssica de Souza Carneiro

Riscou uma vez o fósforo, riscou a segunda e acendeu o cigarro de qualidade duvidosa, provavelmente comprado no botequim da esquina do terminal rodoviário. Dava profundas e lentas tragadas, enquanto olhava o horizonte.

Era fim de tarde, o sol se punha e deixava no céu um colorido de desbotados tons pastéis. O rio corria sem pressa, languidamente. Ele estava sentado junto à orla. Vez ou outra, suspirava.

Eu aproveitava o silêncio e rabiscava alguma coisa em meu bloquinho no coreto mais ao fundo. Esperava alguém que, já previa, não iria chegar.

Diferentemente de outras tardes como aquela, o lugar estava movimentado. Jovens e vivazes universitários se sentavam à grama e ocupavam espaços para conversar, trocar olhares, sorver alguns goles de coragem e outros tragos de alegria fugaz ao som do bom e velho rock'n roll. Passaportes para um universo paralelo, realidade alternativa.

Olhei de novo para ele: olhar fixo em um ponto à frente. Conversava com o rio. A noite caiu. A brisa, de quando em quando, me trazia o cheiro da fumaça de seu cigarro. Quisera eu que ela me trouxesse aqueles pensamentos.

A música alta e o burburinho juvenil já haviam me tirado a concentração, me fazendo abandonar a caneta e o papel, mas ele, ainda assim, mantinha o mistério de sua fixação no horizonte.

Por causa da noite, agora densa, já nem era mais possível contemplar o rio. Eu mesma, do local onde estava e onde havia luz, só enxergava a brasa de seu cigarro, que se consumia lentamente, acompanhando o ritmo do seu transe transcendental.

Será que ele ainda estava ali? O vento sussurrou em assovios: “Ilusão...”, “desvario...”. E percebi que eu precisava de uma dose de qualquer coisa... Alucinações em estado sóbrio nunca representaram sinal de bons presságios.

Decidi, então, me infiltrar entre os rostos despreocupados, as mentes relaxadas e entorpecidas. Tentei me encaixar naquela cena de contentamento coletivo, bem-estar induzido. Visualizei alguns conhecidos, arranjei um copo de vinho barato e senti uma familiar inquietação no estômago, pedindo por saciedade. Me distraí com música agradável, boas aparências e assuntos banais.

No fim da festa, a brisa voltou a soprar agourenta, um pouco mais fria, vindo da direção do rio. Lembrei-me da figura que se intrometeu na paisagem que já me acostumara a contemplar de outro jeito. Fazendo uso da energia moral provocada por uma conveniente embriaguez de espírito, me arrisquei no breu para ver se ele continuava ali, quem sabe puxar assunto e descolar companhia.

Encontrei cheiro de cigarro, fumaça de pensamentos soltos e uma intensa, quase palpável, solidão. Ocupei o banco vazio, suspirei profundamente, fixei o nada à minha frente e me ouvi dizendo: “Boa noite, rio!”...

A morte do herói

Wilson Max Costa Teixeira

Caído, ferido de morte, o herói estrebuchava dramaticamente com a mão erguida tateando o ar; fixava os olhos a não sei onde, pupilas e escleróticas de zargo a todos, sempre a indefectível expressão dos infortunados pela multidão. E se não fosse o belo herói aquele da couraça cheia de escamas, grevas finas e calçado de alpercatas a ser enxovalhado, ali ao chão, não seria o céu infindo o lugar onde só ele mirava; e isto ainda, de certo modo, mais por um gestual cênico tão do seu apreço, que a turba amotinada aglomerava-se-lhe por todo o seu campo visual; mas sem dar por isso, inda a face clara, o louro crânio erguido se esvaía glorioso ante a morte. Aquele suave deus de flavo ouro, formidável físico humano ia defenestrado aos pés da chocarreira horda de magricelos. E da alcateia sombria, corriam a dar-lhe bofetadas, jogar pedras; e, até mesmo, uma mulher, encolhendo os ombros, revirando maliciosamente a mesquinhez dos olhos, reparava em meio ao tumulto certa discricção para chutar o herói em lugares mais sensíveis. Eram todas aquelas caricaturas embrutecidas que gritavam a ponto de sufocarem o estertor do vitimado, alteavam-se ainda uivos de lutuosos cães. Também de garrafas a verter líquidos destilados, assobiou o fogo ao atearm-no, logo ao fim do suplício. E o herói, largado de ressupino, queimava.

A encantadora de gatos

César Augusto Martins de Souza

Lugar e clima novos, diferentes e distantes de meu lugar de origem, aos poucos fui descobrindo os encantos e recantos de minha nova cidade e me acostumando, ao comércio, aos funcionários da padaria, ao senhor da banca de revista, onde compro jornal todos os dias, aos técnicos que consertam aparelhos eletroeletrônicos, as linhas de ônibus, aos caminhos da cidade para apanhar o táxi e saber chegar aos diferentes lugares, aos museus, às praias.

O bom é se acostumar aos poucos, ir descobrindo, os lugares, os detalhes, as pessoas com suas idiossincrasias, em seus trajetos por pequenos recônditos da cidade e, aos poucos, nesse descobrir cotidiano, cada um dos novos habitantes vai se identificando, se localizando e também se tornando um pouco proprietário dos lugares, das relações, das calçadas, das pessoas.

Mesmo a recente familiaridade não pode obstruir o surgimento de novos encantamentos, porque sempre há o novo dentro do velho, o novo que não é novo porque sempre esteve ali, escondido entre as pessoas que transitam para, no momento certo, seduzir os neófitos que ainda não tiveram a oportunidade de se encantar com alguns pequenos gestos humanos, belos de simplicidade.

Tomar caminhos diferentes pode trazer decisivas reflexões e aprendizagens ajudando a repensar muitos caminhos que se toma dia após dia em nossos trajetos. Lembro bem o dia em que resolvi tomar um caminho diferente até a banca de revista, pela rua dos fundos, ladeirosa, sinuosa, meio labiríntica. Antes me incomodava quando tinha de acordar e sair de manhã bem cedo de casa, mas com o tempo descobri que sair assim pode tornar o nosso dia melhor, pois possibilita observar melhor o movimento das ruas, coisas e pessoas, que estão mais simpáticas, mais leves, indo e vindo para comprar pão, jornal e ir ao trabalho ou aos estudos.

Saindo cedo eu a observei pela primeira vez, dependurada em um muro, com uns 60 anos de vitalidade, de experiências, entretida, situada em um universo paralelo, nem me viu enquanto colocava algo no muro de um terreno baldio, recheado de árvores. Foi assim nosso primeiro encontro, ela me olhou sem me ver e eu a olhei sem lhe dar atenção, sem me deter muito a ela, enquanto continuava minha caminhada.

Contudo, ainda nos encontraríamos muitas vezes até que nos víssemos de fato e passássemos a fazer parte do cotidiano um do outro. Sempre ela dependurada no muro, sorrindo consigo mesma, refletindo sobre algo? Talvez. Arrastando um grande saco em suas caminhadas, entre subidas e descidas, cercada de gatos, muitos gatos, gordos e bonitos. Antes de percebê-la, já havia observado uma singularidade na rua dos fundos: há sempre muitos gatos que não temem as pessoas.

Eles ficam deitados nos olhando mais do que nós a eles, com um olhar distraído, lembrando suas trajetórias, das vezes que foram expulsos por comerciantes, de outras em que foram feridos por crianças com pedradas, crianças numa era de inocências brevemente perdidas, crianças que já sabem ferir e até matar. Às vezes pensam

nos filhotes que tombaram pelo caminho, outras de algum lar que tiveram em algum momento, de onde foram expulsos pela falta de afeto ou pelo esquecimento quando suas velhices chegaram.

Esses dias, felizmente, agora parecem lembranças distantes, voltaram a sentir o vigor, a paz, a tranquilidade e o afeto quando a seguiram a primeira vez, quando sentiram o afago carinhoso, o alimento colocado em seus pratos (agora eles têm pratos) e a amizade de quem se dependura em muros apenas para ter um contato ainda mais próximo a eles.

Foi assim que a seguiram, foi assim que um dia a percebi encantando gatos, com alimento, com afeto, com sorrisos entre as pessoas que como eu transitam apressadas para o trabalho ou sem um objetivo claro, apenas estão com pressa, esta barreira quase intransponível que as torna todas invisíveis umas as outras, que já as fez expulsarem muitos e muitos gatos que encontraram em suas trajetórias.

Um dia ela me olhou, me viu, sorriu, disse “bom dia” e o dia ficou mais sorridente e bom. Desde então sempre nos encontramos, nunca conversamos, mas nos conhecemos, há momentos em que é melhor conhecer sem saber, para que possamos nos deslumbrar com os caminhos que se nos desenham.

Novos-velhos caminhos, na desconhecida rua dos fundos, toda ladeirosa, na qual sempre poderemos encontrar outros gatos e teremos outras oportunidades de lhes dar atenção devida, para encontrarmos também sua encantadora e para que ela possa nos encantar tornando alegres nossos dias, mesmo sem sabermos como, ao mesmo tempo em que aprenderemos profundamente com ela sobre a simplicidade das coisas, a cada “bom dia” que lhe dermos e que certamente receberemos, cercados de gatos tranquilos e felizes.

A velha praça

Adriano Eduardo Costa de Figueiredo

Ah, sim! Já faz tanto tempo, mas eu ainda me lembro e muito bem, por sinal. Lembro da minha infância, da minha infância querida na travessa Apinagés “que os anos não trazem mais”.

A rua com pouco tráfego de veículos; meninos e meninas brincando felizes, de futebol, de pipa e de pira-esconde. Aquele suor que escorria nos corpos oriundo dessas atividades, as “danações” da idade, as verdadeiras amizades...

Isso sim, valeu a pena. Ter passado por essa etapa da vida. Viver esse momento, nunca cansar de recordá-lo ou simplesmente esquecê-lo.

A minha turma era composta por João, o mais peralta de todos, um verdadeiro “Quincas Borba”; Mariazinha, a caçula da turma; Regina, a mais “avançada” e experiente; e eu, o mais comportado (...).

A praça Batista Campos era o nosso mundo. Só o nosso e de mais ninguém. Era um planeta; às vezes deserto; praça também. Dependia apenas de nossa imaginação. Pura e simplesmente dela.

Hoje vejo de minha janela a praça. O local que foi o “meu mundo” durante muito tempo, assim como o de tantas outras crianças de minha época. Analiso a metamorfose sofrida por ela e

só falto padecer. Sinto uma pontada no coração, mas, até agora, sem medicação para, ao menos, arrefecer a dor.

Ladrões na rua. Trânsito caótico. Poluição para todos os lados. Descaso com a praça. E o que mais me machuca: crianças mendigando ou trabalhando e o seu suor, que poderia vir de brincadeiras, agora vem de suas forças de trabalho precocemente.

Além de entristecer, magoa. A infância única e singular que tive não pode, nem sequer, ser semelhante a desses jovens e eles, por não ter, às vezes, alternativas próximas, acabam optando por outros caminhos, outros meios e muito possivelmente tendo destinos completamente diferentes das crianças de meu tempo.

As diretas já, há alguns anos atrás

Rosiris Lopes Rodrigues Mendes

Fim de tarde, meu olhar se desviava de vez em quando; subi no ônibus e me deparei com um policial armado até os dentes, fiquei nervosa, mas mantive a calma (aparente), espichei a minha blusa sobre a calça jeans, tinha medo que o policial suspeitasse que eu estava com outra blusa por debaixo da branca (a vermelha), era o tempo da ditadura, talvez muito dura, dura mesmo principalmente para uma jovem de 22 anos, ávida de vida e de emoções, mas eu tremi, estava com medo, baixei meus olhos para desviá-los dos do policial, um brutamontes que nos olhava com cara de mal-amado; minha irmã Rosilda, a companheira de todas as horas estava comigo; depois de relaxar um pouco, sempre com as mãos na barriga e a sacolinha a tiracolo, comecei olhar ao meu redor e perceber alguns rostos conhecidos que tinham o mesmo temor que eu demonstrava; um piscar de olhos de alguém conhecido me deixou mais ou menos tranquila, o ônibus parece que demorou um século para chegar ao canto da Mauriti com a Almirante Barroso, lá, descemos e aos poucos, um a um, fomos nos juntando e lado a lado, lá fui eu, acho que era o Marquinho (o tempo que não nos perdoa, já não me permite lembrar os nomes, todas as pessoas...) que me acompanhava junto com a minha irmã, nossos passos rápidos e serelepes nos aproximavam cada vez mais

da Primeiro de Dezembro, meu coração quase “saindo” pela boca; lá estavam as outras pessoas, companheiros e companheiras sonhadores que também, como eu, se sentiram acuadas nos ônibus que lhes levaram até lá, e, no entorno do espaço onde seria o comício e às proximidades do palanque, haviam muitos “macacos” (era assim que nós chamávamos aos policiais que serviam ao interesse do regime militar), todos uniformizados, mas naquele momento nós éramos a maioria e a nossa juventude, a nossa audácia nos permitia sonhar, sonhar com um futuro de progresso, de muitas mudanças para o nosso país e, sem nenhum medo, como um grande e bravo soldado que desembainhava sua espada para a luta, tirei a blusa branca que cobria a vermelha – me senti iluminada – em segundos lá estava eu, de camisa vermelha e calça jeans (parecia até uma farda, quase todos com a mesma vestimenta) e no céu as bandeiras vermelhas se reportavam, subindo uma a uma, (éramos muitos, os “macacos” compreenderam que não eram suficientes para nos conter) os mesmos que como eu trouxeram camisas vermelhas escondidas e também trouxeram as bandeiras, as faixas de reivindicações, de protestos, e o comício das diretas já, começou, com milhares e milhares de pessoas, jovens e adultos que queriam mudar a cara do Brasil, os aplausos me emocionavam como se fossem dirigidos a mim; as lágrimas de satisfação me inundaram o rosto. Vencemos o medo, vencemos a polícia; terminado o comício, renovados, nos restava voltar para casa em busca de novas formas de organização. Naquele momento me senti com o peito lavado do dever cumprido, pronta para novas tarefas que o movimento nos impusesse...

Pagar o mal com o bem

Bárbara da Fonseca Palha

Alice tinha um novo objetivo: tornar-se espírita. Talvez influenciada pela irmã Beatriz, passou a frequentar um centro espírita, o mesmo que a irmã costumava ir e fazia mais, lia o Evangelho todos os dias: abria em uma página qualquer e a lia. Havia lhe ensinado que poderia fazer dessa maneira, ler uma página aleatoriamente, na verdade deveria concentrar-se e pensar em algo que precisava de uma resposta. “Ai, Evangelho, me ajuda: quero saber como será minha prova amanhã? Tudo bem que não estudei muito, mas mesmo assim eu me esforço, sou uma pessoa legal... vamos lá... Não coloqueis a lâmpada debaixo do alqueire. O quê? Alqueire? Que diacho é isso?”. Alice, porém, nunca conseguia encontrar as respostas, nunca entendia as metáforas, as parábolas, não entendia porque Jesus falava tão difícil.

No dia seguinte Alice acordou tarde, mal tomou o café da manhã e foi correndo para a universidade, sem antes pedir dinheiro para sua mãe: só tenho essa nota de vinte reais, serve? – perguntou dona Luiza. Ai, mãe, acho difícil o cobrador querer trocar, mas me dá aqui, tô atrasada – respondeu Alice.

Batata! Chegando ao ônibus puxou os vinte reais e o cobrador, com a maior grosseria, – pelo menos foi o que Alice achou, estava de

TPM naquela semana – disse que não tinha troco e com a cabeça fez um sinal que nunca poderia ter feito: a mandou sentar na frente e a partir daquele momento ele havia iniciado mais uma guerra fria.

Qual é o problema dele? Ele me odeia? Me mandar sentar aqui na frente?! – questionou-se Alice. Quando num rompante lembrou-se da parada dos velhinhos, ponto em que o ônibus parava e todos os velhinhos da cidade resolviam pegá-lo. E lá estava Alice, sentada no lugar de um deles. Iriam todos subir no ônibus e recriminar com o olhar a menina jovem, cheia de vida, saudável, sarada... sentada no lugar da prioridade.

E agora? – pensou Alice. O que vou fazer? Esperar o troco? Com certeza vou em pé e apertada daqui para a universidade, porque esqueceram de avisar aos velhinhos que com a carteira de passe livre eles podem passar pela borboleta e sentar em qualquer lugar e não ficar se apertando e imprensando os outros aqui no território “deles”.

Foi quando se lembrou do porta-níquel que sempre carregava na bolsa, inclusive esta mesma bolsa estava muito pesada e agora sabia por que. Sentiu-se aliviada, era como se tivesse encontrado um tesouro perdido, eram tantas moedas de 5, 10 e até de 1 centavo! Chegou a ficar boquiaberta. Olhou para o cobrador, olhou para o porta-níquel e elaborou um plano maquiavélico: dar todas as moedas de 5 centavos para aquele cobrador grosseirão. Iria dar certo, vez ou outra sempre ouvia histórias sobre cobradores que não suportavam receber tantas moedas, nem as contavam e ainda arranjavam briga com o passageiro. Se Alice queria se vingar aquela era sua chance.

E começou a contar as moedas, trazia no rosto um sorriso cerrado entre os lábios, ora olhava para as moedas, ora olhava para o cobrador e já imaginava a cena do triunfo: levantava altiva, cabelos ao vento, se encaminhava ao cobrador e jogava em cima daquela mesinha

todas as 34 moedas de 5 centavos, passava pela roleta e gargalhando como a madrasta da Cinderela, naquela cena em que as irmãs invejosas rasgam o vestido que a pobrezinha ia para o baile encontrar o príncipe, enfim... naquele momento Alice queria ser má, muito má e o espiritismo, nesse momento, já tinha ido pra escanteio.

A parada dos velinhos se aproximava cada vez mais e Alice continuava contando as moedas: “1, 50, 1, 55, 1,60... Droga! Acabaram as moedas de 5 centavos... 1,70”. Alice então se levantou, não sabia se segurava os livros ou as moedas, só sabia que não tinha mãos suficientes para as duas coisas. O ônibus fez uma curva que quase a derrubou, nessa hora seu cabelo estava todo desarrumado e Alice lutava contra a 1ª lei de Newton para conseguir chegar até a roleta. E chegou, depois da freada que o motorista deu ao chegar à parada dos velinhos. Alice olhou para o cobrador, olhou para as moedas e deu um sopro para cima, para retirar do rosto os cachos de cabelo que caíam sobre o seu rosto, atrapalhando a sua visão. Entregou enfim as 32 moedas de 5 centavos e 1 moeda de 10 centavos ao cobrador, que olhou para Alice e disse: “Poxa, valeu mesmo! Tava precisando de umas moedas aqui”.

De como se faz um prédio

Jorge Luis Ribeiro dos Santos

É preciso um esqueleto de laje com costelas de vigas sob a dura ossatura do sol. E a compleição das vigas dos braços operários estenderão a quadrangular ferragem ao infinito. É preciso muita madeira para o tempo da secura das lajes, tempo suficiente para que árvores mumificadas em tábuas cedam à eternidade abstrata e férrea do concreto. Depois o corpo do prédio é preenchido pelas carnes dos tijolos e pela pele dos rebocos. Músculos de caibros e os olhos envidraçados do esqueleto do prédio abstraem a largura do espaço. O engenho projetado das medidas não toca nas distâncias da massa nem de seus feitores. A exatidão arquiteta o invisível caminho de homens que se amarram na perpendicular curvatura entre o céu e o destino. E lá moram com seu suor enquanto durar a obra, o sol e o duro dia. Mas de vez em quando é preciso raspar o suor com a manga, retirar o capacete e desejar uma mulher que perpassa a distância incalculável entre o desejo e a obrigação. A dura e civil construção dos abrigos que se vestirão de tintas na epiderme dos cheiros fluirá dos escuros nas veias de escadas e abrigará uma classe média quase feliz. E os homens operários alheios às alturas deste corpo material e reificado – quando pronto – olharão do alto as retinas de vidro a vida cá embaixo. É preciso música de serras cortando o olhar e o aço

dos batiques do reboco e dos martelos e do serrote, das pontas e dos entulhos na música uníssona da rotina dos desenhos preenchidos a tijolo, areia, cimento e ira. E também é preciso da marmita operária no intervalo da fome subindo o rústico elevador, única novidade! E lá de cima são deuses omissos estes mestres, ajudantes, carpinteiros, eletricitas, pintores, armadores, e outros trabalhadores eteceterados. De vez, eles assoviam um brega de rádio e prenunciam a chuva vestida de cordões, ou reverenciam o sol estilhaçado de rio. E fatalmente voltarão na direção de suas casas nos coletivos modos com que se levam e se trazem. Não morarão nunca nos apartados cômodos que ergueram, pois retornam sempre ao fatídico lugar-comum que os operários habitam em qualquer poema ou crônica de periferia.

O dia que me perdi

Jamile Santos Lago

Estou sentindo-me insana, envergonhada por não ser normal. Vazio, vazio, vazio. Sem ter o que falar, minha ignorância aflora. Acumulei leituras da faculdade, isso é motivo de três dias pensando em morrer. Perdi a prova do ENADE, pois esqueci minha identidade, e não aceitaram minha meia-passagem. Insanidade. Por mais que eu estivesse com aquele documento na mão, isso não significa que teria identificação. Aquele pedaço de papel verde não diz absolutamente nada de mim, não sou eu ali, não sou eu aqui. Saí da escola chorando, estavam filmando, passei por trás da câmera, basta a minha memória para gravar e me atordoar. Chorei, chorei, chorei. Quando saí no portão alguém segurou meu braço, não parei, pois nem o conhecia. Segui em frente, mas qual era mesmo o motivo de tal desespero? Perdi uma prova que não interferem nada a minha existência. Não haverá consequência alguma por tal fato.

Entreí neste ano na universidade e me informaram que apenas não posso terminar a graduação sem essa avaliação, tenho no mínimo quatro anos para efetivar esse critério. Então, por que chorei? Minha mãe, ela havia facilitado a minha chegada na escola, chamou um mototáxi para ir me levar, deu-me R\$ 15,00, e ficou em casa trabalhando. Isso passou pela minha cabeça, quanta vergonha,

esquecer um documento talvez seja sinônimo de irresponsabilidade, ou não. No meu caso particular, é sinônimo de insanidade. Andei pela calçada a soluços.

Quando entrei naquela escola... a Rúdrissa passou por mim na entrada, eu estava sentada ao lado do portão na cadeira de um fiscal. Logo após adentrei uma sala para conversar com a coordenadora, eu e mais outra moça que só tinha a cópia da própria identidade, pois havia sido assaltada e não levara o boletim de ocorrência. Fiquei ao lado da porta da sala, a coordenadora estava na porta conversando com a outra moça, escutei tudo, sabia que não tinha mais nada a fazer ali. Fiquei perplexa. Quando a outra moça foi embora, a coordenadora veio em minha direção: “então, você escudou”, balancei a cabeça.

Fui sentar em um espaço de concreto que fica no pátio aberto logo na entrada de dentro da escola, peguei uma folha em branco e escrevi: “não estou mais suportando a minha miséria de personalidade, a minha falta de autenticidade, a minha mesquinha comigo mesma, tudo está me sufocando. Nada está dando certo. A existência, as circunstâncias estão me aterrorizando. Não sei o que fazer. Não sei mais como agir. Todos os meus atos me prejudicam. Todos. Não sei o que fazer.”. Não consegui me segurar, as lágrimas saltaram sem autorização, chamei atenção. Saí da escola, andei pela calçada rumo a um ponto de ônibus. Meu desejo: chorar alto, berrar, colocar toda aquela energia para fora, extrapolar o limite do sofrer, deixar de viver, anular-me por alguns instantes, ou alguns dias, ou por todo o resto dessa medíocre vida. Encontrei um ponto de ônibus, sentei, o tempo passou por mim, as pessoas passaram por mim, as duas únicas linhas de coletivo passaram, passaram, passaram... por mim. Comi minha maçã, e finalmente resolvi voltar para minha casa.

Peguei um Pedreira-Condor, desci e peguei o CDP-Providência, ele estava quase vazio, havia duas moças, e logo quando entrei elas

sorriram alto, eu respondi com outro sorriso, paguei minha passagem, peguei meu troco e fui sentar ao lado de uma delas. Era a Adriana, a outra, sua irmã, era a, caramba esqueci o nome. Elas estudaram comigo no primeiro ano do meu ensino médio em uma escola pública, atualmente não sei como me referir a esse estabelecimento de pseudoensino, próxima da minha casa. Lembro que quando chegava na aula a Adriana sempre me recebia com um abraço e um sorriso largo. Abracei-a hoje e senti o mesmo calor de quatro anos atrás. Nada mudou. “Samíramys, minha mãe morreu faz dois meses”. Quando a Adriana disse-me isso não me restou outra coisa a não ser lembrar de meu irmão. “O meu irmão faleceu em dezembro passado”, “quem?”, “o Fabrício, ele foi assassinado...”

Conversamos bastante, ela com aquele sorriso no rosto, como sempre. Ambas irão fazer, neste ano, a prova da UFRA. Uma irá tentar engenharia florestal, a outra medicina veterinária. As duas fazem cursinho pré-vestibular em Ananindeua, sendo que essas moram em um bairro carente de Belém, que é vizinho do meu. No bairro delas não há nenhuma escola de ensino médio, e o índice de violência é alto, moro em um conjunto classe baixa que faz fronteira com tal bairro. Uma moça tinha entrado no ônibus com uma menina no colo, creio que era sua filha, recordei-me dela, ela estudara comigo na 4ª série do ensino fundamental. Quando chegou minha hora de descer, despedi-me. Elas iriam para o final da linha e de lá ainda caminhariam um bom pedaço. Desci no canto da casa de meu melhor amigo com a esperança de encontrá-lo e assim gastar o tempo que ainda restava, pois não queria que minha mãe ficasse sabendo que perdi a prova. Ele não estava lá. Fui para casa, minha mãe abriu o portão. Finalmente senti meus pés no chão e acabei por me encontrar dentro de mim.

O afeto nas relações humanas

Otto (pseudônimo)

Há uma crônica do Nelson Rodrigues que revela o seu olhar atento e lúcido para o absurdo imerso no cotidiano. Um absurdo que vive a passear por entre os homens, cumprimentando-nos, abraçando-nos e até beijando-nos a face sem que ninguém, porém, o note. A crônica a qual me refiro é *O pesadelo humorístico* de dezesseis de maio de sessenta e nove. Entre outras coisas, o escritor fala de um sujeito que se separou da mulher porque esta simplesmente passou a usar pulseira, e de um “padre de passeata” que afirmava ser o marxismo a única salvação para Cristo.

Segundo o *reacionário* a forma assumida pelo absurdo no século XIX ao ponto de, com o mínimo de sobriedade, poder-se vê-lo, tocá-lo, senti-lo, deve-se à enorme contribuição de um “novo tipo histórico”: o idiota. Sua existência compromete a utopia de outra realidade, mais harmônica, mais amena. Não faz muito, vi em um jornal ordinário, desses onde o único motivo das manchetes é nos manchar as retinas de sangue, certo caso não raro para o nosso tempo, porém, não vazio de transcendência: uma mulher, cuja luz, aliás, que irradiava da sua bela figura parecia ter nascido dos pincéis dum Ticiano, desceu à terra em um dia qualquer para amar um mortal apenas. Vejam bem: um só ser seria agraciado com o amor

incondicional e absoluto. Por sinal, um brasileiro. Tudo se passou em um desses lugares onde os mais ilustres, quase gênios, são fazendeiros, quando não, comerciantes. Enfim. As duas criaturas “sorriram-se, viram-se”. Como a matéria não podia fugir ao script, o desfecho, é o óbvio, fora trágico. Imaginando ser vítima de um capricho de Deus ou duma brincadeira do diabo, o idiota, sem acreditar que poderia ser amado na sua condição de idiota, matou o amor a golpes de pá. Talvez não suportasse quando ela que não via a cor dos seus olhos em brasa, seus dentes escassos ou o falar ruim, de repente, visse-o sem amor. Ou, por outra, como bem observou Maria Eduarda de *Os Maias* ante a imagem de um deus bestial e grotesco: “– O amor que se tem por um monstro não será mais meritório?”

Falava do absurdo, da palpabilidade como a mais nova característica do absurdo. O referido caso é um símbolo perfeito desse aspecto, apesar de nos ser distante pela aura maravilhosa dos fatos. Por esta razão, transfiro-me para a experiência dita banal e para o que dela pode ser extraído da verdade mais cristalina, pois, ainda agora, pouco antes de começar a escrever, refletia sobre o tema que iria discorrer para esta crônica quando, súbito, tive como Nelson o meu pesadelo humorístico. Vamos a ele.

Estou em casa, sozinho, curtindo ociosamente a ardente tarde que os trópicos oferecem, embalando-me na minha rede azul-preguiça, etc., etc., quando surge-me uma colega, que é minha vizinha de bairro e que cursa também a faculdade de Letras da UFPA. Vinha-me aflita com um “negócio” para resolver: “– Estou perdida. Preciso muito da tua ajuda...” Beijinhos no rosto e eu: “– Fala.” E ela: “– A professora pediu pra turma fazer um texto valendo a prova e...” Pausa e continua: “–... e como eu sei que tu escreves bem...” Era um exagero, é claro. De outro modo não me convenceria. Então, expliquei-lhe que escrever como barriga de aluguel é alta traição, tremendo gol contra. Não o

faria. Mas me dispus a ajudar no parto daquela pobre alma, apesar de a quatro horas apenas da prova.

Na escola normal, eu lembro, muitos colavam. Eram flagrados nas piores situações: de cadernos embaixo da carteira à equação de Torricelli tatuada pelo corpo. Até a sétima série, não coleí. O fantasma da consciência familiar afastava qualquer possibilidade disso ocorrer. Até que um dia tiro um quatro em matemática e, arrasado, fico em recuperação pela primeira vez. Levei uma surra de minha mãe – de corda. A partir de então entreguei os pontos: a ingênua juventude em seus cálculos a contrapelo é capaz de fraudar a si mesma por mera conveniência dos resultados. Assim, fui ingressando à massa dos copistas e com o tempo deixei de existir, digamos que... ginásialmente. Por isso entendia a colega e o seu problema. Sabia, portanto, como era não existir.

Falei mais amiúde do meu exílio no vácuo para que de certa forma ela se identificasse e, por que não, como que num desses insights lhe ficasse claro que quem não exprime a sua gota ou sorriso, de alguma forma deixa de existir? Era inútil, porém. A pequena, impaciente, a todo instante olhava para as horas no seu celular da Hello Kitty.

O tema proposto era “O Afeto nas Relações Humanas”, e acreditando que a minha palavra não continha a doçura ideal ao ponto de lhe revelar que a experiência do afeto deveria vir antes mesmo de qualquer vírgula, resolvi mostrar a ela uma poesia de Charles Chaplin chamada “O garoto”: a imagem do amor total capaz de levar aos prantos até mesmo o Monstro da Ceasa.

Minha colega aceitou, não sem um certo descontentamento. Antes, porém, toca o celular. Sua voz que já era doce, torna-se mel. Era o namorado: “– Oi, amoreco! Eu tô aqui na casa de um amigo... um amigo, amor... da universidade... ham, ham... vim pedir pra ele fazer um trabalho pra mim... tá com saudade, tá?... eu também, meu

bichinho!”. Retirei-me, encabulado. Alguns minutos depois ela me chama e damos início ao filme. Ela, sempre inquieta, remexia uns papéis. “– Essa não”, digo, e pego os papéis mais o celular e os coloco distante dela. “– Te concentra!”, e ela: “– Tá bom, tá bom”. Mas não adianta. Pede *stop* no momento mais dramático do filme: “– Preciso ir ao banheiro”. Foi. Enquanto isso, o sublime vagabundo aos borbotões congelados fitava-me indignado. Após mais uns minutos, vem ela: “– Já”. Continuamos. Acontece, pois, o seguinte: exatamente nesse momento, o absurdo que já mostrara o rabo invadiu de uma vez a sala, acomodou-se, e se apresentou como se fosse um velho conhecido meu. Êi-lo: no meio do filme, a pequena levanta-se, apanha o seu celular da Hello Kitty e nota seis chamadas não atendidas. Incrível! Fora nos poucos minutos que se ausentara que o telefone no estado silencioso tocou. Imediatamente liga para o namorado: “– Amor? O que foi, amor? Por que você...? Mas eu fui ao banheiro... tava no silencioso... não faz assim, bichinho, para....é meu amigo... eu fui ao banheiro... para, eu não sou isso, não!... não é nada disso, bem... para, amorzinho... para, para, para!”. Dos seus olhos a essa altura já jorravam fartas as lágrimas do amor apedrejado. O “bichinho” dela, do outro lado da linha, urrava, berrava, escoiceava os verbos já a imaginar a safadeza da pequena.

Como se não bastasse o moderno barraco via celular, para pôr fim àquilo tudo, a pobre menina, sem forças mais para se defender, correu a mim para que explicasse a ele, que falasse com jeito ao literal “amoreco” – eu, o possível amante! Confuso, pego o telefone e escuto, e o outro, sem o saber, bradava indignado que mal pude distinguir suas imundas palavras. Abaritonei a voz e quando digo “alô?”, ouço apenas as reticências sonoras. Lamentando o equívoco, devolvi-lhe o celular em silêncio, e a menina, a doce menina que desconhecia o afeto nas relações humanas, seguiu para casa aos soluços – como uma cadela escorraçada.

Com quantos argentinos se faz uma derrota?

Rolando Ortega já sabe: quatro são o suficiente

Adriano Wilkson Vieira Fernandes

Ninguém entendeu quando os reservas do Guabirá explodiram em gritos e pulos aos 45 do segundo tempo. Não havia motivo aparente. Era o jogo de volta da grande final da Copa Simón Bolívar 2009, a segunda divisão do futebol boliviano. Disputavam o acesso à primeira o Ciclón, que não conseguia tal façanha há 17 anos e o Guabirá, time tradicional de Montero, que vinha de uma sequência de quedas e subidas em campeonatos anteriores. O jogo era no IV Centenário, Estádio de Tarija, casa do Ciclón, que tinha perdido o primeiro embate em Montero por 2 x 1. O alviceleste de Tarija era melhor em campo e, empurrado por seus 20 mil fanáticos torcedores, vencia a peleja por 3 x 2. A matemática, como a regra, era clara: o resultado levava a decisão para um jogo extra, em campo neutro, cujo vencedor voltaria à elite do futebol boliviano.

Não satisfeita com a vitória com gostinho de empate, la banda del sur – a torcida do Ciclón – inflamava o time contra o adversário, em busca do gol que traria a glória do acesso sem a necessidade de um terceiro jogo. Então vieram os gritos, os pulos, toda a euforia

do banco do Guabirá e ninguém entendeu. Dizem que a lógica do futebol é universal: na prática, dentro de um estádio todo mundo sabe quais são as horas de comemorar, quais as de chorar, xingar o juiz etc. Mas lógica nenhuma explicava o fato de um time perdedor, sem mais nem essa, agir como se acabasse de vencer uma disputa de pênaltis. Antes disso, o Guabirá não dava mostras de poder reagir. Estava apenas esperando o juiz decretar o fim do jogo, coisa que, sem sobressaltos, aconteceria dali a dois minutos.

Façamos um exercício de futurologia. Daqui a três séculos de futebol dirão que a Copa Simón Bolívar de 2009 foi vencida por causa de um erro. Essa simples construção sintática ensejará uma interminável discussão a respeito da partida e do futebol de três séculos atrás: como era costume naquela época, dirão os comentaristas do futuro, o erro provavelmente foi do juiz, que não viu *una mano de Dios* qualquer, ou do bandeirinha, que fez uma tabelinha com o ponta, como naquele famoso Fla x Flu imortalizado pela crônica e pelo chororô de Nelson Rodrigues. Os mais benevolentes com a arbitragem ventilarão que o erro foi de um atacante que, contrariando a lógica da língua pátria, não fez o famoso gol-feito. Os atacantes argumentarão que o erro foi do goleiro, traído pelo montinho artilheiro, essa praga da época que o futebol era jogado sobre grama. Os goleiros acusarão um dos zagueiros. Os místicos, o Sobrenatural de Almeida. Os cartolas, a imprensa, e a imprensa, o amadorismo dos cartolas. Os comunistas encontrarão o erro na própria estrutura do capitalismo, e dirão que a Copa Simón Bolívar 2309 jamais seria decidida num erro, já que a Bolívia, enfim vermelha, era finalmente à prova de erros. Poucos afirmarão que o equívoco, na verdade, foi de cálculo, desses cuja raiz se obtém com a contagem dos dedos de uma mão.

Exercício feito, voltemos à anatomia daquela derrota. A bola rolava nervosa pela lateral. Como uma cortina vermelha suspensa

para dar início ao espetáculo, Mario Rolando Ortega levantou-se do banco e, cansado da coadjuvância, tomou ares de protagonista. Num jogo decisivo como aquele, a Ortega cabia tomar alguma decisão, pensar na melhor estratégia para vencer. Era o técnico do Ciclón e pretendia dar o cheque-mate no rei adversário. Quem sabe entrar para história como o maior responsável pelo título! A crônica futebolística costuma lembrar que os treinadores não jogam. No máximo oferecem as melhores condições de jogo pra sua onzena. O décimo segundo jogador é a torcida. O técnico é apenas o culpado em caso de fracasso, o burro. Pois Rolando Ortega resolveu que era hora de jogar. Comunicou ao quarto árbitro o que faria e o homem foi catar as plaquinhas de seu ofício.

Atendendo ao quarto árbitro, o juiz autorizou a substituição do atacante John Tito, o homem que abrira o placar em favor do Ciclón ainda no primeiro tempo. O treinador alviceleste pretendia colocar mais oxigênio no ataque do time, já que Tito, cansado, não rendia tanto quanto no começo da partida. O camisa 11 não esperava ter tempo de ouvir os aplausos da torcida: sairia rápido, correndo, pra que o Ciclón continuasse a pressão sobre o adversário, agora com o argentino Leonardo Palombizio, um velocista, em seu lugar.

Quando viu o número 19 na plaquinha da mão do quarto árbitro, o radialista Marco Navarro, da Rádio Libertad, fez uma conta rápida. Enquanto percorria seu caderninho, tinha a sensação de que aquele número 19 não deveria estar ali. Era 19 mesmo? Era. Nome por nome, jogador por jogador, ele foi rememorando a trajetória daquele time que fizera a alegria da torcida tarijaña durante todo ano de 2009. Era o time que daria, como num sonho, o primeiro título nacional ao Ciclón, e de quebra uma passagem para a elite do futebol. E agora aquele número 19, aterrorizando, estando onde não devia. Marco Navarro se deu conta do erro. Gravíssimo. Gritou. Alto. Os

gritos que vinham da arquibancada eram maiores. A comissão técnica do Ciclón não entendeu o que o radialista tentava dizer, enquanto o argentino Palombizio ajeitava sua faixa argentina sobre os longos cabelos argentinos, e sonhava fazer o gol do título para botá-lo na conta de seu ego, também argentino.

Nesses curtos segundos, Tito e Palombizio bateram de mãos, se abraçaram, e um entrou em campo, enquanto o outro saiu. Se o artilheiro esperava aplausos, só os ouviu do lugar mais improvável: do banco dos visitantes. Os reservas do Guabirá gritaram de felicidade: eram campeões, mesmo perdendo. Marco Navarro, o radialista, então teve certeza de que sua conta estava certa. Pediu pra entrar na transmissão e informar o que havia acontecido. Um erro de cálculo.

Como notícia ruim voa, antes do fim do jogo todos os 20 mil torcedores no IV Centenário já sabiam. Com a entrada do 19 Palombizio, *hermano de la plata*, o time da casa tinha no campo cinco jogadores estrangeiros: um paraguaio e quatro argentinos. Veio à lembrança do regulamento do torneio, uma daquelas cláusulas escritas com letras minúsculas que não raro decretam fracassos maiúsculos: no futebol boliviano é permitido que um time tenha apenas 4 jogadores forasteiros em cada partida. O descumprimento dessa regra acarreta em desclassificação da equipe no jogo em questão, dando os pontos ao adversário. Eis o curioso motivo da felicidade visitante: um erro de cálculo! Um argentino onde só cabia mais um boliviano.

Vendo a euforia de um Guabirá que já cantava vitória, o indulgente juiz avisou: o jogo só acaba quando termina. Só que, graças ao técnico, o Ciclón vencia, mas não ganhava.

O azarento Ortega pediu desculpas por sua matemática torta, e foi demitido na mesma hora. Apareceu no outro dia apenas para pegar suas contas, dessa vez corretas, ele esperava. Há torcedores que dizem ter sido pouco. Para eles, o técnico deveria ter sido jogador

à torcida, como se aos leões, sua sorte navegando aos ventos da fúria inconformada dos *hinchas* do Ciclón. Alguns mais exaltados quebraram os vidros do carro do ex-treinador. Mas a *banda del sur* ainda tem uma chance de subir: jogará uma partida extra com o Jorge Wilstermann, pior time da primeira divisão, candidato ao rebaixamento indireto. Quem ganhar, tem vaga garantida na elite do futebol boliviano.



Contos

O dia em que ele encontrou o mar

Jorge Fernando Negrão de Lemos

Antes sequer de ter certeza que era dia, pôde sentir o calor suave correr pelo rosto, enquanto a luz criava finas nesgas de sombra entre as rugas. Flexionou os dedos mecanicamente, como se perguntasse a si mesmo se ainda era capaz de se mexer. Feliz com a constatação de que as articulações ainda não lhe falhavam, se permitiu testar os olhos. Suas íris castanhas salpicadas de mel e de catarata, desnudadas pelas pálpebras ascendentes, riam junto com seus lábios: chegara o dia.

Levantou-se pelo lado direito da cama, como fazia há sessenta, setenta anos – àquela altura, pouco lhe importava saber dados exatos. Calçou os chinelos surrados, companheiros de longos passeios ao redor da casa, e se içou para quedar frente a frente com o espelho. Olhou o reflexo de si dos pés à cabeça. Parou a atenção no rosto daquele velho conhecido. Há tanto vira aquele rosto mudar...!

Primeiro, quando soube que era gente; depois, quando nasceu aquele primeiro pelo de barba; então, um dia, ela estava cheia e, no dia seguinte, tinha se barbeado à primeira vez. Lembrou do cheiro da pomada pós-barba do pai... O que falar dos dentes então? Nasceram e, com tantos anos, já furados pelas cáries dos doces, caíram. E eis que nasceram novamente, mais fortes, maiores, mais tortos, enfrentaram

pé-de-moleque, socos, belos churrascos e, tanto outros anos depois... caíram de novo! Riu-se.

Correu os dedos pelos cabelos, já mais grisalhos que castanhos, e se encorajou a sair: abriu as portas do quarto com o ímpeto de um jovem rebelde, mas a força que, de fato, o corpo lhe permitia. Olhou ao redor, ao chegar à sala, rememorando cada um dos movimentos da noite anterior, quando, com todos reunidos à mesa de jantar – filhos, netos, irmãos, sobrinhos –, o neto mais velho, com algumas lágrimas felizes, anunciou que seria pai. Que outra alegria poderia ter?

Aprumou o ouvido e, com satisfação, escutou apenas pássaros ao longe e ressonares por entre as portas mal fechadas dos quartos. Não lhe seria conveniente que o escutassem sair.

Foi à porta principal e a abriu.

Ele correu os olhos pelo jardim. No pequeno banco de madeira, cujos pés haviam sido tomados pelos galhos das roseiras, viu a si e ao filho mais novo, com o primeiro fio de cabelo branco a despontar bem na frente, numa das muitas férias de verão, conversando sobre os netos: como cresciam!

Na pequena horta, do outro lado do jardim, onde a filha mais velha plantara alguns legumes, num intento hercúleo de fazê-lo se alimentar melhor, ele a reviu reluzente, de rosto corado, com sua primeira neta nos braços, dando à menina de mamar.

O ar que entrava em seus pulmões não era nada que não doce. Inspirou-o e fortaleceu-se para descer o primeiro degrau. Sentia algo de fome matinal, mas pouco lhe deu importância. Cada degrau vencido era parte da promessa.

Ao alcançar a terra do jardim, arrastou os chinelos, com os olhos postos na porteira. Lá ia ele, o filho mais novo, de sorriso no rosto, a se mudar para a casa nova com a esposa. Pouco depois, recordou do filho do meio, que partira para a cidade a estudos e de cujos olhos a

esperança transbordava. Longe, quase na curva, viu a filha, que partia com o marido, lhe acenando marota.

Quando tocou a porteira, sentindo a textura maciça e as farpas despontadas, lá estava ela, vestida de branco e de rendas com, pelo menos, setecentos sonhos para realizar, a mais linda noiva que ele desejou, carregando uma aliança par à sua no anular esquerdo. Ele dançaria aquela valsa e a levaria em seus braços uma vez mais por aquele jardim até a casa e, então, da porta ao quarto principal, se o tempo não lhe tivesse levado a eterna noiva tão cedo. Este foi, talvez, o único momento que se permitiu sentir alguma dor àquela manhã.

Ele saiu porteira afora, pela estrada de terra batida marrom e vermelha, ladeada daquelas árvores baixas e retorcidas de folhas verde-amarelo-canário. A cada casa de um vizinho, um sorriso se coloria no mosaico das lembranças, fosse por uma conversa ou por um almoço de domingo. À frente da casa cor de tijolo, sentiu arderem os lábios com o calor do primeiro beijo atrás da igreja. Ao lado das casas gêmeas, de lírios nos jiraus, escutou o estalar das bolas de gude que trocara com os amigos e das primeiras conversas sobre meninas. Em frente à pequena escola, bolas de papel voavam em suas lembranças, cheias de tabuadas e colas de geografia e história.

O sol, alto, se espreguiçava sobre a terra, deitando seus raios sobre as costas dele, como se lhe dissesse que deveria se apressar, pois logo eles acordariam! Apressou o passo o quanto pôde. O ar se tornou salgado, mas não porque algo em sua disposição mudara: era o mar se quebrando em júbilo.

Quando a terra vermelha se misturou às pedras, ele largou os chinelos para cravar os dedos na areia branca e seca. Contra si, sentiu o sal e o ressoar das ondas que se quebravam em festa e espuma branca.

Havia tanto de caça a conchas e brincadeiras de pique em marcas já apagadas pelo tempo naquela praia. Ali levava a primeira bronca do pai de que se recordava – tinha sido por alguma má-criação que dissera à tia, devaneava.

Sorriu. Talvez não tivesse sido o mais prudente largar os chinelos, seu ritmo diminuía, mas não seria ali que se furtaria a lembrança dos castelos de areia e das caças ao tesouro.

Passo por passo, vencida a areia, a água lhe cobriu os pés em uma carícia quase materna. Com os olhos voltados para o céu, ele avançou, sendo envolvido pelo mar, uma garganta gigante.

Quando os pés não mais alcançavam o chão, se deixou flutuar, levado pelas ondas aonde quisessem ir. Entre umas e outras ondulações do mar, deixou, por fim, o ar se esvaír pelo nariz e pela boca. Escutando uma vez mais o coração da mãe bater, ele se aninhou ao útero que era o mar e suas cores se esvaíram no reflexo perfeito do céu.

Seu sorriso foi a última linha a evanescer.

Os mortos

João Pereira Loureiro Júnior

A tarde agonizava prenunciando chuva no apequenado céu da vila. Velas acesas se debatiam inutilmente contra o vento vespertino, enquanto um soturno hino era cantado por senhoras que se escondiam trajando negro. Nos simplórios espaços vazios da casa a tristeza denunciava que naquela tapera, intrometida num pedaço da Amazônia, havia um funeral: o funeral de Abelardo. Os pescadores da vila haviam achado o corpo pela manhã. O que um dia fora um pescador astuto agora não passava de um disforme cadáver que se estendia num caixão sobre a mesa da cozinha da irmã do finado. Enquanto as mulheres da vila ocupavam-se com os preparativos, os homens caçavam os outros pescadores que estavam com Abelardo quando a montaria afundou lá para os lados da Ilha Grande.

Durante todo aquele dia, o povo soltara suas cuias e velas que “achavam os mortos” no fundo da maré, uma superstição que a todos envolvia na busca pelos outros desaparecidos. Os transeuntes fluviais desembarcavam no porto, sem saber do acontecido; com tanta gente margeando a maré, pensavam que a vila estava em época de procissão fluvial de Nossa Senhora da Conceição. Distante daquele alvoreço, Abelardo era preparado para o primeiro funeral. Certamente haveria outros.

Quando a noite caiu definitivamente sobre a vila, o povo seguiu afoito para o velório. Poucos homens, regados a cachaça, continuaram na caça aos outros mortos. Na casa de Cássia, velas e lamparinas iluminavam homens e mulheres. Todos envolvidos pelas tristes toadas fúnebres que se misturavam às conversas recheadas de lembranças e incertezas. Na face entorpecida de cada presente no velório pairava o medo e o comedimento de quem parecia guardar lágrimas para os outros desaparecidos. Em meio a esse ambiente de hostil tranquilidade, ainda havia espaço para a esperança. Afinal, quantas vezes já não haviam encontrado pescadores vivos depois de muitos dias perdidos no mangal? Apegados àquela ínfima esperança, muitos evocavam o passado de Abelardo e dos outros dando margem para que a afamada lenda do campinho de vaga-lumes se instaurasse entre os presentes no velório.

Todos na vila conheciam o “vaga-luminário” e a história sobre o campo abandonado onde apareciam visagens; contavam que os mortos apareciam no campinho quando os vaga-lumes os iluminavam. Apesar de tudo parecer apenas uma lenda infantil, ninguém ousava desafiar a grandiosa proporção que tal história tomara por toda a região sobre os insetos bruxuleantes e as visagens. Em torno do caixão de Abelardo, o povo capturava esses e outros relatos que somados resultavam na nebulosa história dos meninos que, há alguns anos atrás, disseram ter visto visagens iluminadas por vaga-lumes: “Foi durante a Semana Santa” alguém falava; “num foi não homi, o Belardo disse que foi no Finados...” retrucava um outro. Quando esbarravam nessas contradições, todos se calavam como se naquele pedaço da narrativa residisse uma verdade que nunca fora e, jamais seria narrada fielmente. Em meio a um silêncio sepulcral entre o morto ali na sala da casa de Cássia e os vivos que o velavam, surgiam imagens profusas de um campinho de vaga-lumes iluminando o morto Abelardo.

Quando a noite se instalou definitivamente na paisagem vista pela minúscula janela da casa, Sabá surgiu na sala, quebrando o silêncio:

– V’umbora pegar o caminho pra vila senão a gente enterra o homi no meio da chuva!

Àquele alerta, todos foram saindo da casa tecendo a procissão que seguiria até o cemitério da vila; Sabá e três homens tomaram o féretro em suas mãos; Cássia se pôs ao lado do caixão. Dentro de alguns instantes o séquito saiu. Ao sentir-se embrulhado pelo orvalho da noite, Sabá mirou o céu desestrelado e num rápido monólogo celestial agradeceu mais uma vez a Deus por fazê-lo perder àquela trágica pescaria. Açaizeiros, miritizeiros e outros habitantes da densa flora que ofuscava a pequena vila, saudavam a passagem do enterro de Abelardo. Uma primeira gota de chuva caiu sobre a testa de Sabá no exato instante em que ele fazia o sinal da cruz para um calado céu obscuro. O “segura na mão de Deus” tomou força e ecoou pela mata, perdendo-se na atmosfera silenciosa daquela imensidão habitada por todos os seres possíveis desse mundo.

Lúcio

Da margem do rio Maracanã, Lúcio viu pequenas luzes adornando a maré, como se aquela imensidão negra fosse um campo de pouso para as estrelas que no céu não havia. Sobre a vazante havia apenas cuias e velas que se perdiam no mar em busca dos mortos, reforçando aquela supersticiosa tradição que parecia carregar as esperanças de quem acreditava que, naquelas paragens molhadas da Amazônia, existisse um pacto entre mortos e vivos. Desde menino, Lúcio já se habituara às cuias, às superstições e aos mistérios que se engendravam sob a quietude da vila de Terra Salgada. Quando alguém desaparecia na maré o povo soltava suas cuias à caça dos afogados, foi assim que acharam seu tio Mundico.

Nessa noite crivada de tristezas palpáveis, Lúcio aguardava o amigo Salu. Àquela hora ele já deveria estar atravessando a maré rumo à vila. Os dois não faltariam ao enterro de Abelardo, afinal os três cresceram juntos. Até quando já estavam adultos, nunca deixaram de compartilhar suas vivências enriquecidas pelo verde-escuro daquele pedaço de terra. O tempo apenas transformara os banhos de outrora, quando a maré preamar parecia mundiá-los, em bebedeiras adultas durante as pescarias noturnas. Aquela amizade sempre foi uma forma de manter vivos os vaga-lumes e as visagens que eles viram naquele longínquo dia. No instante em que voltou seus pensamentos para tais lembranças adormecidas, um medo apossou-se de Lúcio: “a essa hora Abelardo deve está no vaga-luminário, assim como as outras visagens” pensou, mantendo o olhar fixo na escuridão enquanto as lembranças fantasmagóricas de sua infância o engoliam entre medos e angústias.

A vazante trazia troncos e galhos, menos Salu. Lúcio decidiu ir à frente. Atordoado, ele enveredou pela mata escura tomando um atalho que descambaria diretamente na casa de Cássia. A escuridão, aliada ao medo que ele sentia naquele instante o fez confuso ante aqueles atalhos que sempre foram parte de sua pacata vida de raros sonhos. Cercado por aquele mundo tão estranhamente seu, sua vida não passava de uma ferida que se mantinha inflamada alimentando-se das poucas ambições que por vezes são mais nocivas que a megalomania dos grandes intentos.

Lúcio caminhou por mais um tempo até perceber que aquele atalho o levava ao seu passado, aos vaga-lumes de outrora e conseqüentemente a todas as angústias que o atormentavam desde que deixara de ser menino e se tornara aquele adulto estéril que temia reencontrar algo que já estava apodrecido pelo tempo: a sua infância. No entanto essa é a verdade universal dos homens: crescer e

tornar-se suscetíveis a olhar o passado como um grande embrião de angústias disfarçadas que sucedem a liberdade de quando se é criança. Rever essa liberdade é alhear-se de nossa cruel maturidade. Todas as lembranças já nascem mortas, são meras visagens que relutam em extinguir-se da memória. Imerso nesse caldeirão de angústias, Lúcio não sentiu a chuva despencando do céu. Apenas acelerou seus passos, perdido na inércia de estranhos remorsos.

Salu

Salu embarcou em sua canoa e saiu para o velório por volta das seis da tarde. Com um semblante incrédulo, ainda não acreditava na morte de Abelardo. Ia chegar à vila e ver que tudo aquilo não passava de potoca. Cercado pela maré que vazava e a luz apequenada de sua lamparina que não resistia talvez à morbidez da noite apagando-se constantemente, Salu se deixou levar pelas águas escuras do rio acomodado no fundo da canoa até avistar ao longe a beirada da vila de Terra Salgada e suas raras luzes ínfimas que fugiam das casas tentando em vão ser as protagonistas daquela noite que já tinha os seus atores principais.

Da canoa, Salu enxergou pequenos pingos luminosos espalhados pela maré e, assim como Lúcio, caiu na armadilha das lembranças de vaga-lumes e do dia em que tudo se passou: Anoteciã e os três garotos iam afoitos em direção ao porto da vila pra tomar banho na maré quando, ao passar pelo campinho, viram milhares de vaga-lumes espalhados pela atmosfera... Interrompeu os pensamentos quando se sentiu observado pelas inúmeras cuias luminosas que se espalhavam sobre a maré como olhos mundiadores. Lembrou-se do poder que as cuias representavam quando levavam àquelas velas. “Mas, pra que tantas cuias se Abelardo já havia sido encontrado?” pensou enquanto tentava reacender sua lamparina usando a vela de uma cuiã que

estava estranhamente imóvel em meio à vazante. Lembrou-se de que quando as cuias paravam imóveis num lugar, elas anunciavam o exato ponto onde estava o morto. Decidiu acomodar-se novamente no fundo da canoa que deslizava pelo rio.

Quando Salu desembarcou na vila, sentiu a frialdade da noite a cobrir-lhe a face. Lembrou do que seu avô sempre falava: “Salu, esse frio é das visagens que estão por perto”. Caminhou um pouco e saiu do porto. A vila estava solitária. Todos tinham ido ao velório. Não quis perder tempo e rumou para a casa de Cássia. Mergulhou no caminho atrofiado pela mata e se deixou desaparecer na cortina que foi tecida quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair lavando a solidão da terra e dos homens.

Os mortos

A noite já ia adiantada quando a chuva desabou do teto escuro que a noite tecera sobre a Região Amazônica. A densa mata pareceu alvoroçar-se com o prenúncio de que a chuva eternizar-se-ia ao longo daquela noite. Nos labirínticos caminhos que interligavam vilas e casas, iam-se formando pequenas poças d’água onde pisavam mortos e vivos que pareciam disputar o protagonismo daquela noite chuvosa: Salu tentou esquivar-se da chuva com uma folha de bananeira arrancada da mata; um encharcado Lúcio afundava os pés nas poças lamacentas que se multiplicavam ao longo do caminho; e a procissão que levava o corpo de Abelardo parecia imunizar-se da chuva com a toada triste que musicava o enterro.

Lúcio escutou um canto fúnebre que se aproximava; Salu, por sua vez, avistou com muita dificuldade o séqüito que vinha em sua direção. Em alguns instantes tudo foi encenado sem aplausos e vivas que pudessem redimir a beleza e a fatalidade do que se passou ali quando os milhares de vaga-lumes começaram a iluminar o

campo recriando um cenário mágico e assustador que um dia fora encontrado por Abelardo, Lúcio e Salu, quando eram apenas meninos e testemunharam vaga-lumes brotarem na atmosfera e iluminarem inúmeros seres estranhos a vagar sem formas fixas: eram três homens em seu estado bruto – a infância – cercados por visagens feitas de medo e imaginação.

Agora, todas as lembranças desse longínquo dia estavam ali junto com Lúcio, Salu e o enterro de Abelardo. Embebedos por aquela luz bruxuleante dos vaga-lumes, Salu e Lúcio olharam a impassível procissão passar na frente deles, como se fossem seres invisíveis. Apenas um estranho homem pareceu notar a presença dos dois. Mas ao aproximar-se, veio a horrenda revelação: àquele homem ali parado era Abelardo. Nesse exato momento vaga-lumes esvoaçaram por toda a atmosfera anunciando a cena final na forma de dois meninos que surgiram da mata gritando que os pescadores da vila haviam encontrado os outros corpos. Os outros mortos. Havia encontrado Lúcio e Salu.

Nesse momento um estrondoso trovão pareceu transfigurar-se em uma cruel risada sobre os três homens que se olhavam absortos ante aquela realidade fantástica da qual agora faziam parte: Todos estavam mortos. Eram agora seres fantásticos. Visagens. Assombração. Fantasmas de um mundo que a pouco era tangível, palpável, real... Estavam todos eternizados apenas naquilo que foi vivido, sentido, respirado. A procissão seguiu caminho deixando para trás os milhares de vaga-lumes e as três míseras visagens que ouviram da boca dos dois meninos a definitiva condenação:

- Olha! São vaga-lumes... Eles devem estar por aqui!
- Quem?
- Os mortos.

Acácias

Adriano Wilkson Vieira Fernandes

As luzes dos prédios acendendo e apagando sem nenhuma sincronia ao sabor dos ruídos noturnos entrando em cada pedaço de olho que piscava piscava e não entendia nada, a se dividir entre a paisagem decorada, conhecida, manjada como o próprio rosto dela, e os detalhes do chão, das bordas, do céu, da vida detalhada em cada curva nas gramas que voavam na corrida nas passadas em tudo, e o fim chegando, mais perto. E um velho no fim da rua, com tom professoral debochado afetado até, a recitar os versos mais longos já cantados por anjos de porcelana.

– Eu nunca me desfazo de minhas roupas, pra não ter a impressão de que o ano tá acabando.

E a ladainha a se repetir dia a dia, cantando alto a imensidão do tempo, as dobras da cortina se desfazendo, as flores murchando, o gato de bigodes brancos (e cada vez mais brancos) gastando os sofás e as vassouras carecas e as coisas brancas todas perdendo a brancura, suando segundos, sentindo pendendo entortando. Os jornais velhos com notícias passadas anunciando o derretimento das calotas polares e a água quente pingando na pia e da pia no chão e o chão seco, o vapor refrescando o ambiente e o suor do rosto manjado dela impregnando na minha pele não querendo sair, misturando às lágrimas nossas outros tempos. No chão que me viu chorar e me aparou consolou e me confortou e secou as lágrimas quando ela não me quis mais, quando ela disse o “já vou” seco

e foi embora e nem olhou pra quem ficava porque o que vinha à frente era mais importante que tudo que ficara ao redor. E o velho a repetir a ladainha que aprendeu com o pai, e ele com o avô que não aprendeu com ninguém (porque antes do avô não havia ninguém).

– Eu nunca me desfaço das roupas, assim o ano nunca termina.

E a Juliana, que é outra das mulheres por quem eu me apaixonaria fácil, a descer as escadas deixando o vento levantar levemente a saia delicada de quem acabou de se vestir e eu pensando em tirá-la com os dentes a torturá-la ferozmente como uma abelha macho e Juliana me olhando safada, zombeteira, a me acusar de que eu nunca lhe faria nada, à frágil Juliana. Porque eu era velho e não entendia mais dessas coisas de amor e ela a reclamar do marido que a respeitava e era um doce de pessoa mas ela nunca resistia às investidas do jardineiro alegando que adorava flores.

– As acácias são as minhas preferidas.

O jardineiro de ombros quadrados a molhar as acácias da patroa, a sinhazinha branca tapioca, de peitos duros pernas torneadas e branca, branca como nenhuma outra, com quem ele faria as coisas mais terríveis do mundo para descontar nela o peso do passado sujo de sua negritude, e a sinhazinha branca a chorar de dor pelo negro-cavalo, suando sangue, manchado de pecado e luxúria, e a terra do jardim a sujar a mão máscula do jardineiro e Juliana se molhando por dentro e suspirando e dizendo que o marido era a melhor pessoa do mundo, a flor mais bonita de todos os jardins. Se dizendo madrinha de todas as flores, mas amante de uma em especial. A sorrir da própria faceirice, a Juliana doce, me perguntando entre um e outro gesto delicado.

– E o senhor, seu Antonio, gosta das acácias?

E eu não suportando a imagem de Juliana e não conseguindo tirar todas essas roupas e penduricalhos, os vestidos de seda que o marido trouxe de fora, com as luzes piscando piscando me alucinando com a

gargalhada de Juliana rindo de si mesma dizendo não resistir a certas vontades. Mas quais vontades? Era preciso todo o tempo do mundo para ouvir de Juliana o desfraldar de suas vontades, balançando-as ao sabor dos ventos sensuais, encantados, luminosos. Tantas línguas precisas para todos os centímetros cúbicos da pele de Juliana, insaciável, sedenta, sebosa como um sebo de ambrosia. O jardineiro alheio aos sentimentos, vontades e viscosidades de Juliana fascinado apenas com a brancura de sua tez, sentindo o corpo intumescer, ficar maior, aterrorizante. E minhas roupas ficando velhas, gastas, rotas, apertadas. E Juliana desejando-as fora de mim, longe, no chão, molhadas. E o velho alheio repetindo a mesma nota de sempre, com a sabedoria dos anos, a ignorar Juliana e sua juventude seu sorriso sua molecagem.

– Eu faço tudo o que elas querem, mas nunca tiro minha roupa. Assim o tempo não passa nunca.

E o jardineiro seminu, músculos rijos e molhados de sol, a refletir os anos que não haviam passado, a apreciar o espetáculo do desabrochar de Juliana, a mais nova flor do jardim e outra das que morreriam por um fino corte daquela lâmina bruta.

Araguaia

Devison Amorim do Nascimento

O que estou para contar é uma história (ou será estória?) que envolve realidade e ficção. A guerrilha do Araguaia foi uma das revoluções armadas que ocorreu no Brasil contra a ditadura militar. Teve como cenário a Região Amazônica brasileira, mais especificamente a região do Araguaia que se localiza entre o sul do estado do Pará, norte do antigo estado de Goiás (agora Tocantins) e a oeste do estado de Tocantins.

Inspirada na Revolução Cubana e na Guerra do Vietnã ao que tudo indica começou a ser organizada em fins dos anos de 1960, mas foi descoberta e combatida pelo governo militar em 1972; tendo sido extinta oficialmente em 1975 com a morte ou detenção da maioria dos guerrilheiros.

Das três personagens que compõem este conto, apenas Osvaldão – Osvaldo Orlando da Costa – realmente existiu. Engenheiro, militante dos ideais comunistas foi um dos líderes da Guerrilha do Araguaia. Um dos últimos a desaparecer no Araguaia, em 1974. Todavia, como na maioria das vezes a história apresenta duas ou mais versões para um mesmo acontecimento há teorias que afirmam que Osvaldão foi morto em 4 de fevereiro de 1974, segundo algumas fontes enquanto abria uma trilha na mata, segundo outras,

enquanto descansava no acampamento, e seu corpo exibido como troféu diante dos moradores da região.

Paco e Laura são personagens fictícios inspirados no perfil de alguns dos guerrilheiros do Araguaia: médicos, advogados, professores oriundos de outras regiões do Brasil, que contavam com auxílio de guerrilheiros da própria região.

O mais importante é saber que o conteúdo abaixo narrado não se trata de uma passagem real da vida de Osvaldão, mas uma narrativa fictícia dentro de um contexto histórico verídico.

* * *

– Ahhhhhhhhhhh! – o grito de Paco ecoou pela floresta – te juro que no sé dónde están!

O soldado repetiu o gesto anterior; com as duas mãos em forma de concha aplicou um tapa aos dois ouvidos de Paco. Outro grito desesperado de Paco preencheu a mata. E dessa vez um líquido escorreu de uma de suas orelhas.

Havia rompido o tímpano do guerrilheiro.

– Agora fala cubano de merda! Onde estão aqueles seus amigos subversivos?

– Te juro que no sé! – tentou gritar, mas sua voz estava fraca – ellos habían dejado el campamento minutos antes que vosotros chegaseis....

– Fala, seu filho da puta! – O soldado mostrou a mão configurada em concha ao preso.

– Habían ido a buscar agua antes de sus llegada. Debe haber visto vosotros y fugieron. – A voz de Paco era cada vez mais inaudível.

* * *

Osvaldão e Laura estavam correndo mata adentro, procuravam pistas da base militar onde Paco estava preso quando ouviram os gritos do amigo guerrilheiro. Ao ouvir aquele grito Laura parou imediatamente.

– Não, não, eu não quero ir – Disse Laura ofegante, em consequência da trajetória que estava fazendo cerca de duas horas em busca da base.

– Mas não podemos desistir agora – retrucou Osvaldão – ouve! – era grito de Paco – ele está sendo torturado, se não dermos um jeito de tirá-lo de lá vão matá-lo.

– Mas eles são muitos, estão armados e somos apenas dois. E o que temos de armas? Veja, você com essa faca e eu com esse pedaço de foice. Não temos chance. É melhor desistir.

– Não podemos desistir, se fizermos isso mais uma vida será brutalmente tirada. É nosso amigo, várias vezes nos salvou das mãos dos militares, é nosso dever ajudá-lo.

Laura olhou para seus pés descalços – meus pés estão feridos, sangrando muito, não tenho mais forças para continuar.

– Por coisas muito piores já passamos Laura, lembra do conflito em Xambioá? Apesar de ter sido difícil estamos vivos... e vamos continuar vivos, vamos resgatar Paco e formar um novo grupo de guerrilheiros, um grupo de homens e mulheres capazes de se unir pela liberdade e pelos direitos do povo. Vamos ganhar essa luta e fazer do Brasil um país livre da ditadura militar!

– Não! – Laura falou em tom mais alto – está tudo perdido. Nós somos praticamente os últimos, muitos dos guerrilheiros já foram mortos ou presos. Não temos mais como vencer essa luta. Lembra do que ele, o Paco, nos disse? Há comentários de que desde a 2ª Guerra Mundial esta é a maior operação das Forças Armadas brasileiras.

– Não estou te reconhecendo Laura, onde está aquela mulher forte e determinada que conheci e por quem me apaixonei?

Osvaldão aproximou seus lábios dos de Laura. Ela virou o rosto.

– Talvez tenha morrido diante do confronto com a realidade. Não insista, não temos mais chance.

Osvaldão olhou para cima. No céu havia uma lua cheia. Lembrou da primeira noite que seu corpo entrou em contato com o de Laura.

Naquela noite a mesma lua cheia irradiava o céu, Osvaldão havia descoberto um amor. Um amor súbito, explosivo e cheio de desejos carnis e desejos pertencentes ao seu ser mais subjetivo; o desejo utópico de viver numa nação livre da repressão e dos preconceitos contra os filhos que teria com Laura, contra seus amigos e contra todos os cidadãos negros. Laura era a mulher com que realmente sonhava, pois compartilhava com ele os mesmos ideais.

– Escute, quem sabe não seja melhor nos entregar. Por mais que nos prendam, poderemos rever nossas famílias. E o mais importante ficaremos vivos, pois aqui, debilitados como estamos, vamos morrer.

– Está louca – indagou Osvaldão – acha que simplesmente vão nos jogar numa cela? Não! Eles vão nos torturar e nos matar! Você mesmo disse que seu marido foi torturado e morto, pela simples suspeita de envolvimento com nossa causa. E ele nem sequer realmente estava envolvido, era inocente e morreu! Como acredita que serão piedosos conosco?

Laura baixou a cabeça e começou a chorar, pois sabia que Osvaldão tinha razão.

– Eu só queria ter a chance de rever meus dois filhos mais uma vez, desde que fugi da Maranhão para não ser presa não tive mais sequer uma notícia. Ficaram com meus pais, mas a essa altura nem sei se estão vivos porque os militares perseguem também as famílias dos foragidos políticos.

* * *

Um balde de água foi jogado no rosto de Paco. Logo em seguida outro balde cheio foi posto a sua frente. Paco estava de joelhos, com os braços e pernas amarrados para trás. O soldado segurava seus cabelos, forçando-o a olhar para o balde.

– Fala subversivo, esta é sua última chance! Pra onde eles foram?

– No sé.

Imediatamente à resposta, o soldado mergulhou a cabeça de Paco no balde com água por alguns minutos, depois trouxe à tona.

– Parece que o cubano não vai falar mesmo, o que fazemos? – O soldado perguntou para o seu superior que acompanhava tudo.

– Se não quer falar, então vamos dar cabo logo. Pau-de-arara e espancamento sem piedade até o infeliz passar dessa para uma melhor.

* * *

– Eu quero que você entenda, Laura, que o melhor que fazemos é lutar até o fim. Temos que continuar acreditando nos nossos sonhos. Se nos entregarmos, estaremos traindo a confiança de todos aqueles que acreditaram em nossa guerrilha e deram suas vidas por ela.

Osvaldão e Laura estavam sentados. Ela balançou a cabeça em gesto afirmativo. Olhou para o braço esquerdo de Osvaldão, ele tinha se cortado na fuga dos militares naquela tarde. Laura se levantou e começou a procurar algo no mato.

– O que está procurando? Não se afaste daqui, estamos próximos dos militares. Não podem ouvir nenhum barulho que nos delate.

Ela não disse nada e continuo procurando, alguns passos adiante parou, pois havia encontrado a erva que procurava. Colheu algumas folhas.

– É andiroba, serve pra ajudar a curar nossos ferimentos. Tem água na bilha?

Osvaldão deu a bilha para Laura. Ela jogou um pouco de água nas folhas e as amassou nas mãos. Lavou o ferimento do braço de Osvaldão, colocou as folhas e com um pedaço de pano arrancado de sua própria blusa enfaixou o local.

– Engraçado – Disse Osvaldão.

– O quê?

– Vocês, médicos, geralmente não costumam acreditar em remédios alternativos e, no entanto...

– Nem todos pensam assim. Eu realmente sempre confiei mais nos remédios produzidos pela ciência, mas nunca descartei a sabedoria do senso comum. Afinal, antes da ciência os homens já sabiam tratar de alguns dos seus males.

– Não é a primeira vez que nos tratamos com as ervas que os moradores da região lhe ensinaram.

– Verdade.

Laura colocou a planta nos seus pés também e sentou-se ao lado de Osvaldão.

– Decidiu alguma coisa? – perguntou ele.

– Ahhhhhhhhh! – era o grito de Paco.

– Laura se levantou imediatamente, tomou um gole da pouca água que havia sobrado na bilha. Ofereceu o último gole a Osvaldão, ele bebeu.

– Estamos próximos, não podemos mais esperar. Vamos!

Ele se levantou e os dois seguiram mata adentro.

Quando se aproximaram devagar da base militar já estava amanhecendo, a lua cheia começava a dar lugar ao vermelho radiante do sol. Escondidos no mato viram uma coisa horrenda. Atravessado entre os punhos e os joelhos em uma barra de madeira presa nas

árvores, Paco estava pendurado, nu, sofrendo pancadas e queimaduras com cigarro.

– Meu Deus – pensou Laura – até onde vai a crueldade humana.

Olhando para aquilo experimentou uma sensação esquisita. Uma mistura de emoções: piedade de seu amigo, nojo e ódio daqueles militares, indignação com desrespeito à vida humana; não vira de perto nenhum de seus amigos guerrilheiros e nem seu marido sendo torturado, mas agora, na expressão e nos gritos de dor de Paco, parecia que estava vendo todos. Vidas e mais vidas tiradas de maneira covarde. Não precisava pensar mais nada e nem dizer mais nada, pois já sabia o que tinha que fazer. Todavia não sabia o que iria acontecer dali a segundos, mas tinha certeza que tinha que ir em frente e lutar para que aquilo que estava acontecendo com Paco não acontecesse com mais ninguém. Tinha que lutar para que aquelas pessoas desumanas fossem punidas pelo que estavam fazendo, os militares tinham que sair do poder. Lutar pelo direito à vida e à dignidade dos brasileiros! Era o que continuaria fazendo até o final de sua vida!

Osvaldão olhou para Laura e compreendeu no seu olhar o que ela estava pensando. Essa era a verdadeira Laura. Ele a beijou nos lábios. Olharam-se afetuosamente e então, sob o por do sol, correram em direção a base militar.

Amor malino

Antônio Maurício Dias da Costa

*Malino: adjetivo. Uso: informal. 1 - Mesmo que **maligno**; 2 - Regionalismo: Brasil. Que faz muita travessura, arte (diz-se especialmente de criança); traquinas.*

(Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, dezembro de 2001).

Mata adentro, terçado na mão e garrucha na outra, ingressava Armando na densa folhagem em busca de caça. Estava já acostumado com a umidade daquelas manhãs de dentro do mato. Mas o calor não o preocupava, apesar do suor excessivo. O diabo daquela mulher, esta sim, aquela-uma, não saía da sua cabeça e alimentava os seus temores.

Ela, a formosa Joana. Por isso, essa ânsia de viver e lutar pela vida, pela descoberta em si na mulher amada. Aliás, mais que amada: tomada ao irmão de sangue, Antônio. Tirada pela força da paixão do conforto da casa-grande de Antônio para viver naquelas lonjuras à beira-rio, na imensidão erma de mato sem fim, numa tapera humilde, solitária e triste, como seu dono.

As primeiras carícias, o sabor dos primeiros beijos molhados ainda estavam frescos em sua memória, registrados naqueles

encontros fortuitos nos arredores da casa-grande e que mais tarde passaram a ser combinados. Joana pouco a pouco se tornava a razão do seu viver. Não importava ser ela por direito de Antonio, o irmão mais velho e sempre mandão, mais forte, sortudo. Nem tampouco, ser ela a filha da feiticeira mais mal falada daqueles lados do rio. A filha de Atília, para muitas pessoas, seria por força da natureza também uma matinta perera, ou se tornaria um encantado qualquer, do fundo do rio, depois dessa vida. Bem que a própria Joana brincava com essas coisas para assustar as crianças da casa-grande, mas também muito adulto ficava de orelha em pé com suas histórias.

O calor aumentava e o mato estava mais cerrado. Como não havia encontrado caça. Era preciso cortar toda a macaxeira necessária e voltar para a casa ribeirinha e solitária, agora repleta de vida com a presença de Joana. Noutras vezes, ele e Joana faziam juntos a retirada da macaxeira. Mas ela estava proibida de acompanhá-lo desde a manhã fatídica em que, dizem, foi mundiado pelos bichos de Joana. Ele tinha ficado diferente desde aquele dia. A rede armada à sua espera com o cheiro de Joana já era uma constante, como a daquela manhã. Deitado, Armando sentia um misto de amargor e felicidade por se saber homem de Joana e objeto do seu amor. Sentia como que algo o acompanhasse, como uma tristeza profunda, como um medo repentino de perder Joana. Tinha se acostumado com os lábios de açaí da filha da feiticeira, com seu sorriso, seus cabelos negros, grossos, espetados. A pele escura e macia... ela, uma índia toda!

Armando até achava muito ter consigo aquela beldade das margens do rio. Ele, já velho, trechos enrugados de pele sobressaíam aqui e ali no seu corpo, pele queimada e olhos tristes. Ele não mais gozava daquelas alegrias de juventude: os passeios a Belém, os namoricos nas redondezas, o desbravar de furos e paranás distantes, garrucha à mão, a rede sempre pronta a pescar...

Nada disso importava agora. Joana já era toda a sua vida. Para ele só importava a eternidade das sextas nas intermináveis tardes de calor e de suor do corpo de Joana, os dois embalados na rede-útero de um amor mal visto.

De fato, ele havia roubado Joana do irmão Antônio. Mas esse seria o mínimo ressarcimento dos infortúnios da época de criança, quando a mão de ferro do irmão mais velho lhe pesava sobre a cabeça. Antônio era para ele um indesejado meio-pai, dividindo a responsabilidade na administração do enorme barracão de comércio à beira-rio com o patriarca da família, esse o quase inacessível velho João, o senhor das beiradas do rio Carnapijó. De todas as brigas com o irmão velho na infância, Armando tinha ainda vívida a memória daquele pavãozinho, que era seu por tê-lo encontrado, mas que Antonio aprisionara numa gaiola, como se o bicho fosse exímio voador por natureza. De tudo havia feito Armando para ter o bicho de volta, consigo, solto nas matas, livre da prisão da casa-grande. Aliás, essa era a natureza de Armando, filho de comerciante, mas homem do mato, das pescarias e das caças; de sentar mudo e ouvir o som do vento nas folhas ou o murmúrio das águas cruzando leitos de rio. Ser o avesso de Antônio e mesmo assim estar em seu mundo! O homem do mato era o avesso do aprendiz de patriarca, seu futuro senhor. Verdadeiro dono, homem dos negócios, das decisões, do dinheiro e de todos.

Talvez a consciência dessa injustiça é que o tenha levado a cobiçar Joana, a bela índia-cabocla do novo casarão à beira-rio erguido pelo novo senhor, após a morte do velho João. Joana, pavãozinho preso na gaiola, propriedade de Antônio, mulher que ele sabia infeliz, senhora imposta pelo poder do comerciante. Nas visitas à casa do irmão, motivadas pelo fornecimento de produtos da sua atividade mateira, Armando atestava a infelicidade do troféu feminino de Antônio.

Famoso namorador na juventude, o agora “velho Antônio” era sem atrativos a não ser o dinheiro. Não podia competir com ele por aquela mulher misteriosamente bela. O vasto casarão e seu mundo interior, nele incluído aquele ser da natureza, bruto e puro, fruto das suadas correrias de infância nos caminhos do mato e dos banhos de igarapé, despidos e mesclados ao rio.

A lenta conquista nas visitas periódicas construiu um sólido laço entre os dois, disfarçado pela timidez da cabocla e pela rudeza do mateiro decidido. Das conversas fortuitas e dos carinhos de aperto de mão foi um pulo até a entrega total e à volúpia indisfarçada dos encontros proibidos nos ermos. O roubo de Joana, a vingança imposta ao todopoderoso senhor Antonio havia promovido nele a descoberta de um mundo de delícias, de um mundo não solitário, para além da presença dos matos, dos rios e dos bichos. A bela morena trouxera alegria pra sua vida, nos banhos juntos de rio, no trabalho conjunto na pequena roça dos arredores do casebre ribeirinho, nas trocas de olhares profundos no início da noite iluminada pela lamparina à beira da cama, nos beijos ardentes e no contato das carnes nas noites eternas de êxtase.

Era ela a Joana que havia sido carregada nos braços dos dois irmãos quando pequena. Era a menina criada pela velha Atília, junto dos seus afazeres na casa-grande. De cria da casa, moleca de brincadeiras no porto e na capoeira próxima, Joana transformara-se numa bela mulher. Isso, quando a velha Atília recebeu a fama de feiticeira, por ter ido morar numa tapera distante e solitária lá do meio do mato. Diziam uns que a velha não só tinha fama, mas tinha sido vista voando ou assombrando moradores das redondezas. De fato, o cachimbo diário colado à boca e a vivência recolhida da velha confirmavam sua estranha condição de mulher meio bicho, meio gente, iniciando sua menina nas mandingas e manipulações mágicas dos seres encantados.

Joana encantava também. Tornou-se, em pouco tempo, a prometida de Antônio, depois, senhora da casa-grande e, por fim, o motivo de grande discórdia entre os dois irmãos eternos rivais. A filha da feiticeira era vista por muitos caboclos como uma provável aprendiz das coisas do fundo e das forças dos bichos. Seus olhos não desmentiam isso. A mundiadeira dos irmãos rivais era uma mulher dona de um sorriso hipnótico, envolta numa aura atrativa de forças extra-humanas.

Não saía da cabeça de Armando a manhã em que acreditava ter sido atacado pelos bichos de Joana, ela e seu sorriso assombrador, misto de doçura e desconhecido. A cena de poucas palavras foi sucedida por um estranho olhar de Joana, como se ela soubesse tacitamente do mal que havia atacado Armando. Ele, vítima da malineza daquela súbita paixão de idade madura, da descoberta da mulher tornada senhora pelo irmão. Vítima também das ameaças do irmão usurpado e ultrajado, que havia jurado vingar-se daquela perfídia. O novo senhor do Carnapijó era também quem executava as leis, aplicadas a seu bel-prazer. Sua milícia de capangas, servidores fiéis herdados do poderio do pai estariam a postos para a vingança prometida, bastando uma ordem de seu senhor. Armando jurava pra qualquer um ter visto várias vezes os homens de Antônio encapuzados cruzando os caminhos próximos de sua casa, passando em cascos próximos ao pequeno porto frontal, ou mesmo, uma ou outra vez, ter cruzado o campo das janelas laterais. O terror dos homens e dos bichos atormentava o descanso de Armando a ponto de se confundir com uma série de ruídos incômodos.

O barulho de Joana na lavagem de louça, no jirau visto pela porta traseira da casa, seguida pela trilha de estiva que levava aos fundos do terreno, despertara Armando de seu sonho acordado. Ele estava quente, sentia-se mal, tal como no dia do ataque dos bichos.

Lembrava das febres posteriores cuidadas pelas mãos doces de Joana e pelo olhar condenatório das velhas benzedadeiras. O atendimento médico na cidade próxima pouco havia feito para conter a febre. A fonte dos calafrios parecia estar dentro de sua cabeça, vibrando em seu corpo todo. A indicação médica para a procura de um psiquiatra foi solenemente ignorada por Armando e Joana. Ele, por preferir sua rede e os carinhos da cabocla, ao invés das viagens de barco a Belém. Ela, por confiar sobremaneira em suas puçangas e benzeduras.

Armando se sabia frágil e impotente, resultado da convivência com aquelas quenturas e visões. Apesar da sua fama de caboclo rijo, de homem duro e destemido, valente e solitário, senhor dos rios e das matas, ele não era mais o mesmo. O amor de Joana o havia amolecido. O sofrimento do irmão humilhado o condenava. As correntes e flechas invisíveis da filha de Atília o acabrunhavam. Não havia como enfrentar os capangas encapuzados de Antônio ou os bichos de Joana. A encruzilhada da vida de Armando o expunha à malineza daquele amor impossível, daquele torpor que tomava seu corpo e sua alma, iluminando um interior que ele não sabia. A rede, o casebre, o corpo de Joana, tudo seu, até quando? Até ser levado pro fundo? Até ser degolado e capado pelos jagunços do irmão?

O tremor constante em seu corpo já anunciava o futuro de angústia avizinado. Um sopro de arrepio já havia num instante cruzado a superfície de sua pele, balançando seu corpo na rede. Sua cabeça, um turbilhão frenético onde circulavam num redemoinho o sorriso de Joana, Antônio, os capangas, o médico, o mato, as benzedadeiras, a velha Atília, todos numa sequência implacável, angustiante, um ápice enjoativo de quase inconsciência e estupor sem causa. O desespero de Armando era algo como um sai-não-sai da rede, um correr desabalado pela capoeira, um tomar Joana nos braços e despi-la rapidamente, um matar a sangue frio o irmão

vilão e vingativo. O auge de sua aflição se confundia ao incômodo e intermitente tilintar das louças no jirau.

Do outro lado, Joana vigiava desconfiada o enfermo Armando, entre uma virada e outra na manipulação das louças. Há muito se preocupava com o estado de seu homem, inalterado apesar dos cuidados de seu calor e de suas rezas. O olhar dividido entre as louças e o interior do casebre atestava a preocupação da cabocla. Armando estava na rede, até que um sopro de vento – não se sabe se malino – fechou a porta, levando Joana de um pulo à correria em direção da casa. Nos poucos segundos entre o jirau e a porta dos fundos, Joana sentiu uma profunda aflição, aplacada pelo choque da cena aos poucos compreendida com a abertura da porta: de uma corda presa ao teto pendia o corpo espasmódico de Armando próximo à rede, morto pela malineza de uma paixão fatal.

O homem que contava

Adelaide Maria Assunção de Miranda

Era estranho vê-lo ali parado naquela sacada, sempre com o olhar fixo. Era velho e além da juventude, tinha perdido também o pequeno patrimônio que conseguiu construir no decorrer da vida. Restava-lhe uma aposentadoria tão ínfima que mal dava para comprar os remédios para as mazelas da velhice. Homem espirituoso. Mesmo semi analfabeto, sabia se fazer presente nas diversas situações. Sempre tinha opinião a dar e uma sensibilidade fora do comum. Característica essa que lhe atribuiu a fama de velho maluco. Ele não se importava com o que diziam, até se divertia com a situação.

Quando morou sozinho, numa casa de quatro cômodos, sem o mínimo de conforto, não tinha nem mesmo uma televisão para ajudar a passar as horas. A sujeira estava por todo lado, especialmente na cozinha, onde a pia exibia uma crosta de limo escuro. Só às vezes, chamava uma mulher para fazer uma faxina. Algo naquela casa era limpo e bem arrumado: a cama. A cama era seu paraíso. Estava sempre coberta com uma colcha bonita, alegre, cercada por um velho, porém limpo, mosquiteiro verde.

Aparentemente, não tinha motivos para ser feliz. Mesmo assim ele era feliz. Essa felicidade incomodava os outros profundamente. Mas ele não ligava e até não entendia a infelicidade de outrem, como se

felicidade fosse uma condição para se permanecer vivo. Ele estava feliz com tudo: com os ratos e baratas da casa, com toda aquela sujeira, com a pouca comida que comia, pois precisava alimentar seu gato Antonio, com sua erisipela crônica, com seus sapatos transformados em chinelos e com a ignomínia popular. Era feliz com ele mesmo. Ele era importante para ele e somente para ele.

Sua casa abrigava loucos e prostitutas jovens que por ali passavam para tomar um café no fim da tarde. Eles conversavam e cantavam, muito alto, músicas de cunho religioso. A princípio a vizinhança reclamou. Mas depois se acostumou com aquela cantoria enfadonha e, como era praxe, mais uma vez rotulou. Gaiola das loucas. Assim era apelidada aquela casa. Depois que a vizinhança se acostumou, parou de rotular, de xingar, de debochar. Então eles pararam a ladainha, já não fazia sentido. Mas as visitas de pessoas desprezadas por aquelas ditas “de bem”, continuaram. Ele tinha grande prazer em recebê-las. Eram as únicas pessoas que dependiam dele para alguma coisa, ele achava.

Feliz.

Do seu jeito, ele era.

Um certo dia, ele começou a criar histórias e a acreditar nelas como realidade e, na maioria das vezes, elas se tornaram mesmo reais, para a perplexidade geral. Dessas histórias, ele dizia “revelações”. De onde vinham essas “revelações”, nunca ninguém soube ao certo. As “revelações” vieram antes de ele começar a contar. Só um pouco antes. Mas depois elas pararam de vir.

“Revelações” que se tornaram realidade:

- 1 A decadência econômica do filho, que o desprezava antes dele adoecer;
- 2 A maternidade solteira da filha, que o desprezava antes dele adoecer;

- 3 A filha se tornou professora antes de ele começar a contar;
- 4 As casas que os filhos morariam antes, durante e depois que ele começou a contar;
- 5 O segundo mandato do presidente Lula e sua própria morte posterior. Antes, ele ainda contava;
- 6 A sua vida após a morte (nisso, todos acreditaram, pois essa “revelação” ele só revelou num momento em que passou a ser amado por todos)

“Revelação” que não se tornou realidade:

- 1 O fim do mundo no ano 2000 – Nesse caso ele disse que houve um pequeno engano, o mundo acabaria em 2014. Ninguém acreditou.

Sua companhia de todas as horas era seu gordo e preto gato Antonio. Tratava aquele gato como não tratou os filhos que, de certa forma, em raras circunstâncias lhe davam alguma atenção, somente por descargo de consciência. Ora davam alguma satisfação do que estavam fazendo na vida, ora lhe traziam uma comidinha diferente. Levá-lo ao médico nem se cogitava. Mas ele raramente adoecia. A não ser pela erisipela crônica que tinha no tornozelo esquerdo, fruto da má circulação causada pelas imensas varizes, adquiridas pelo excesso de trabalho braçal na juventude. Mas, sem nada fazer, logo, melhorava

Quando mais jovem, ainda com a mulher viva, construiu um império de pequenas casas. Essas casas seriam para os filhos, dizia ele. E foram mesmo, mas só muito depois que a “revelação” foi revelada.

Então, sua filha precisou da pequena casa onde ele morava e ele foi morar com o filho. Então ele começou a ser infeliz. Então vieram e pararam as “revelações”. Então ele começou a contar.

A convivência foi desastrosa para ele. Ele não podia mais receber seus amigos loucos e as prostitutas. O filho e a nora, sempre reclamavam

de tudo. Diziam todo tempo para ele parar de cuspir no chão. Não permitiram a entrada de Antonio na casa. Quando nasceu o neto, ele não tinha permissão de pegá-lo ao colo. Ele foi privado de fazer tudo aquilo que gostava. Muitas vezes, eram porcarias. Mas ele gostava de fazer. Ele era livre para fazer. Agora não era mais. Agora ele era infeliz e não entendia por que continuava vivo.

Agora ele só tinha um amigo. Um amigo “aceitável”, pois só poderia ter amigos “aceitáveis”. E, entre os “aceitáveis”, só o avarento português da padaria aceitou ser seu amigo. Eles ficavam conversando horas a fio sobre política, principalmente a do Oriente Médio. Dois velhos, duas solidões que se uniram, dois seres cujos pertences cabiam numa sacola. Um por opção própria. O outro por incomodar tanto.

Ao menos ele tinha o que comer todos os dias, na hora que quisesse e o que quisesse. Mas faltava o mais importante na hora de comer: a doce, escura e gorda companhia de Antonio. O gato ficou exilado na padaria. Um amigo na casa de outro amigo. Um arrogante e um bonachão. Ao menos Antonio tinha o que comer todos os dias. Este era seu consolo.

Então as “revelações” vieram e depois pararam de vir. Foi quando ele pensou o pensamento: “não tenho mais Antonio, minha casa não é minha, meus amigos não tomam mais do meu café. Sou infeliz. Como posso ter vida sendo infeliz? Para que vou viver? Tiraram-me tudo. Mas vou criar algo que eles não poderão tirar. Vou criar um segredo e vou viver para ele e por ele. O segredo será meu amigo, minha companhia. Mesmo que eles insistam, eu não revelarei. Quero dizer, só revelarei no dia que eu ver amor nos olhos deles”. Então ele começou a contar na sacada da casa que era sua, porém não era.

– 1...2...3...4...5... – Demorava um pouco de um número para o outro. Às vezes demorava minutos. Ficava extremamente aborrecido quando alguém o atrapalhava em sua contagem. Ninguém entendia. Ninguém sabia o que ele contava. Esse era o seu segredo particular. Algo

que ele guardava com carinho. Esse segredo ele só revelou em seu leito de morte. Foi uma revelação.

Em uma “revelação”, antes de começar a contar, ele disse que só esperaria o presidente Lula ser reeleito e depois só restariam mais alguns dias para sua morte. Quando ele disse isto, estava gozando saúde. Como sempre ninguém acreditou nele. “Lula se reelegeu e por que ele continua vivo? já passaram três meses...”, pensavam o filho e a nora.

Era um dia nublado quando seus olhos de águia só conseguiam olhar para o lado direito. Quando ele queria olhar para o lado esquerdo tinha de virar a cabeça. Mas, logo, a cabeça também só podia virar para o lado direito. Ele não desistiu. Continuou contando na sacada, naquele dia. Até que sentiu a urina molhar suas calças. Não entendeu, pois não sentiu o “afrouxar da torneira” biológica. Continuou contando na sacada, naquele dia.

Já era à tardinha quando o filho, a nora e o neto chegaram em casa. Quando chegaram fazendo alarde, ele não deu atenção, pois estava muito ocupado contando na sacada, virado de lado para poder ver.

– Pai, para de contar, vem tomar teu café.

Ele não olhou para o filho. Ele não podia olhar. Ele não podia virar para o lado esquerdo. Então continuou contando. “Ô pai, para com isso, vem te alimentar”. Continuou contando. Até que o filho se aproximou e percebeu o molhado embaixo da cadeira. “Pai, o senhor se urinou?! O que está acontecendo com o senhor?” Continuou contando. “Pai, vou ligar para tua filha vir aqui agora. Vamos ter de te levar para o hospital”. Continuou contando.

A filha chegou e se desesperou ao ver o pai já trajando uma fralda geriátrica com uma camiseta onde se lia “smile”, sentado de lado, contando na sacada. “Pai, o que o senhor conta tanto? Vira esse olho para mim”. Ele não respondia.

Levaram-no para o hospital. Neste ponto da situação ele já não conseguia mais andar. O diagnóstico foi: AVC. Internaram-no. Não

perdeu a consciência. Sabia onde estava, quem era e, principalmente, sabia seu segredo.

No hospital teve uma melhora e alta posterior. Foi uma alegria tê-lo novamente em casa! Só agora todos queriam cuidar dele. Só agora todos ligavam a televisão em seu canal predileto. Só agora ele foi amado verdadeiramente. Só agora ele percebeu o quanto as pessoas são atrasadas em seus sentimentos. Porém a vida lhe foi benéfica, ao menos assim ele pensava, pois sentiu o amor dos filhos e teria a oportunidade de revelar-lhes o segredo. Estava sequelado, tinha de ficar travado numa cama. Era-lhe tão difícil ficar sem contar. Era seu passatempo predileto.

Mas agora ele tinha motivos de sobra para ser feliz de novo. Além de ter o que comer, ele tinha amor.

Teve, então uma piora e foi levado de volta ao hospital. Melhorou de novo. Voltou para casa de novo. Até que seu neto fez aniversário e naquela noite ele revelou com voz embargada o seu segredo, era o único presente que ele tinha para dar ao neto.

Antes de revelar o segredo ele avisou para toda a família presente ao seu redor que não chorassem, pois ele já sabia como seria sua vida depois da morte. Disse que tinha visto tudo. Disse que tinha tido uma revelação. O filho depressa pegou um gravador velho e começou a gravar. Disse que passaria a viver num paraíso verde, onde não existiam velhos doentes. Disse que voltaria em forma de bebê. Então... Disse o segredo.

– Eu já tinha perdido tudo, então eu tinha de criar algo só meu. Algo que ninguém pudesse tocar. Seria propriedade minha. Agora repasso para vocês, filhos que adorei. Naquela sacada, enquanto fiquei lá diariamente, passaram 5.203 carros brancos, 1.451 carros vermelhos, 3.754 carros pretos e 6.226 carros cinza. Ainda tinham as bicicletas, que foram... – Suspirou e entrou em coma profundo.

Foi levado de volta ao hospital público, onde morreu em paz. Em sua lápide, seus filhos escreveram “Aqui jaz o homem que contava”.

A bruxa do Guamá

Arthur da Costa Almeida

Desde o início fui contra aquele casamento da Rute com o Mateus.

Rute era minha primeira filha e eu queria um bom marido para ela. Ainda mais agora, que eu estava viúva e lutava para sustentar a casa. Mas, também tenho como política respeitar a vontade dos filhos. Por isso, quando esse relacionamento começou, atrapalhei até onde pude, mas diante da insistência dela, recuei, resignei-me e aceitei a situação, rezando para que fossem felizes.

A primeira dificuldade era que ele morava em Mosqueiro, enquanto meus filhos e eu moramos em Belém, no bairro do Guamá. Isto significava que após o casamento, Rute teria que se mudar para a ilha, ficando longe de nós, o que acabou acontecendo.

A segunda, na minha avaliação, é que Mateus não tinha emprego, trabalhava por conta própria. Sei que ele vivia bem, ganhava mais do que se fosse empregado, possuía algumas propriedades, mas ele poderia perder tudo se os negócios dessem para trás. Ainda acho que um emprego em uma grande firma seria o ideal, mesmo ganhando menos. Melhor ainda se fosse numa empresa pública.

Por último, e a mais grave de todas, que no começo eu não cansava de repetir para Rute, é que ele era mulherengo e dado a beber demais.

Mesmo com todos esses atropelos, Rute e Mateus se casaram. Foi na igreja do Mosqueiro, como ele queria e não aqui no Guamá, como era minha vontade e onde estão nossos parentes, amigos e conhecidos.

Fomos ao casamento, eu, minhas outras duas filhas e meus três filhos.

A noiva não por ser minha filha, estava realmente bonita, com grinalda de vistosas flores, recendendo a jasmim, alfazema, alecrim e a suaves perfumes que misturei na água de seu banho. Como garantia, também preparei alguns banhos para serem tomados pelo Mateus, “banhos que trariam a felicidade no casamento”, conforme disse para ele, mas que, na verdade, eram uma tentativa de amansá-lo e melhorar seu relacionamento comigo, pois cedo ele percebeu minhas posições e me tratava como uma inimiga, sabendo que Rute estava de seu lado.

Passamos uma semana em Mosqueiro, em uma das várias casas que possuía e que nos emprestou, embora de má vontade. Lá mesmo, descobri não só que ele não havia tomado os banhos que deixei, como ainda mandou que Rute os jogasse fora, o que ela efetivamente fez.

Conforme Rute me disse depois, ele alegou para ela que não acreditava nessas coisas, embora conhecesse minha fama de curandeira, aqui no Guamá. Fama, aliás, merecida, digo eu, pois herdei meus conhecimentos de minha avó, que por sua vez, dizia que esses segredos estavam há muitas gerações em poder das mulheres de nossa família.

Voltei com meus filhos para nossa humilde casa em Belém, deixando os dois em sua nova vida de casados. Pelo que vi, nesses dias, da vida dos dois, achei que havia me equivocado, exagerado nas expectativas, feito um julgamento precipitado. Tinha mais era que rezar para que os dois fossem felizes. E foi o que fiz.

Os anos passaram, vieram os filhos, meus netos, a doce Marília, o lindo Marcelo, todos com nome começando com M, por exigência do pai.

Uma vez por ano eu ia até Mosqueiro e passava uma, duas semanas com eles. Pelo Círio, eles é que vinham até Belém, almoçavam comigo e voltavam no outro dia. E reparei que do ano passado para cá, o relacionamento deles não estava tão bom como das outras vezes, mas Rute nada me confirmava, negando sempre qualquer anormalidade.

Falando com os vizinhos deles em Mosqueiro, entretanto, descobri que ele tinha outras mulheres, que estava bebendo demais, que até já batera várias vezes em Rute e nos filhos, quando embriagado. Como Rute nada me houvesse falado sobre isso, resolvi fingir que ignorava tudo.

Foi no último Círio que as coisas se precipitaram. Ela veio só, com os filhos. Ele mandou dizer que estava adoentado, que viria em outra oportunidade. Rute, pressionada por mim, em prantos, resolveu contar tudo, que eu, aliás, já sabia pelos vizinhos dela. De fato, ele dera pra chegar bêbado, altas horas da noite, acordando todos, batendo na mulher e nos filhos. Normalmente, quando vinha das festas, onde estava em companhia de outras mulheres.

Meu primeiro impulso foi dizer para ela que o abandonasse, mas vi que ela ainda gostava dele, os filhos também. Nos meus tempos de juventude, eu iria forçar por essa solução, mas eu já era avó, aprendera muito com a vida. Pedi que ela o relevasse, conversasse com ele, encontrassem uma solução amigável. Senti que era isso que ela queria ouvir de mim, pois voltou alegre para Mosqueiro, disposta a contornar o problema.

Cerca de uma semana mais tarde, acordei cedo, com batidas insistentes na porta. Era Rute, chegando com os filhos, roupas e

maletas. Tinha os olhos arroxeados, várias marcas no corpo e um braço quebrado. Os meninos também apresentavam evidentes marcas de surra. O Marcelo tinha até um dente arrancado.

Depois de cuidar de minha filha e meus netos com os remédios que eu conhecia, levei Rute para engessar o braço, pois aquilo estava além de meus conhecimentos.

Na volta, já com o braço engessado, mais calma, contou-me o pesadelo. Mateus chegara de madrugada, bêbado, batendo em todos. Em Rute, ele bateu com vassoura, empurrou-a contra a parede, quebrando-lhe o braço, dando-lhe socos no rosto. Em seguida, bebeu ainda mais cerveja e foi dormir. Rute não teve dúvidas: reuniu os filhos, roupas, alguns pertences e, cedo, pegou o navio para Belém, deixando Mateus sozinho, dormindo.

À medida que eu escutava a história, ia imaginando minha vingança.

Eu tinha adquirido mais sabedoria, durante minha longa vida, mas aquela era minha primeira filha, criada por mim, sem pai, a duras penas, com grandes sacrifícios. Eu tinha que tomar alguma providência.

Fui até o Ver-o-Peso, onde comprei alguns ingredientes para meus preparados, encomendei outros para meus conhecidos de Abaetetuba e, após duas semanas, estávamos, eu, minha filha e meus netos, chegando a Mosqueiro.

Mateus recebeu-nos desconfiado, mas eu fui persuasiva. Coloquei-me no papel de avó, implorando pelos meus netos abandonados, sem pai. Eu não queria que ele apenas os sustentasse como era de lei, eu queria que eles voltassem a ser uma família unida e feliz para o futuro. Eu estava disposta a ajudá-lo onde fosse possível.

Mateus relutou, mas diante dos filhos chorando, da esposa com o braço engessado e da sogra humildemente pedindo, capitulou.

Mandou que todos entrassem, falou que ia mudar de vida, que aquilo não aconteceria mais. Sábias palavras! Como ele estava certo, mas na perspectiva errada.

Fiz ver a ele que, como Rute estava com o braço quebrado, eu ficaria morando com eles até que ela ficasse boa, umas duas ou três semanas no máximo. Mateus concordou.

Passei a administrar a casa e tomar conta da cozinha. Estava com pressa para começar minha vingança, mas tive que esperar pelo primeiro dia da lua nova, quando então comecei a agir.

Na comida dele, coloquei miolo de preguiça moído. Aquela lerdexa do bicho passaria toda para ele. Para reforçar, passei a usar banha de tartaruga em todas as frituras e assados, o suficiente para aumentar o efeito, sem alterar o sabor. Finalmente, durante sete dias e sete noites, eu o fiz tomar no café, nos sucos e até na própria água, um preparado feito com pele de tamaquaré, aquele lagarto bobo, diluídas setenta vezes em água de chuva colhida em noite de lua cheia.

Duas semanas depois, às escondidas, voltamos todos para Belém, abandonando-o à sua própria sorte.

Doze anos já se passaram e, nas raras vezes em que vou a Mosqueiro, ainda o vejo por lá, andando ao léu, desmemoriado, lerdo, abobalhado. Disseram-me que enlouqueceu, perdeu tudo o que tinha e vive da caridade dos parentes.

Hoje, reconheço que minha raiva foi tão grande que devo ter exagerado na dose. Em todo caso, acredito que o efeito seja temporário.

Ele deve se livrar disso depois de três vezes sete anos.

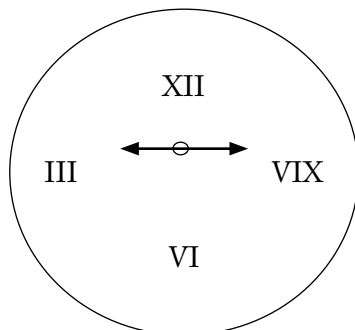
11

Francisco Ewerton Almeida dos Santos

– Foi só um pesadelo?! – Pra reconfortar?! – Mas o sonho é a realidade vista por um ângulo que não se quer ver na vigília. Censura pouco eficiente.

Inútil continuar tentando.

Sem dúvida há uma presença viciosa neste quarto. Em cada canto um sentimento antigo, uma angústia, uma neurose, uma obsessão. Minhas e de vultos do passado dessas paredes amareladas e manchadas de todo tipo de imundície. De suor, porra, lágrimas, sangue, pus. De solidão claustrofóbica [o relógio no teto me encara e diz quem sou. Ele é meu espelho invertido. Enquanto isso, o ponteiro maior sobe dificultosamente com um rangido ensurdecador (rrrrrhhhhnnnk!), depois despenca pesadamente com um estrondo (6) e o menor desce alguns milímetros discreto (clic!) quase imperceptível]



[um carro dobra uma esquina em alta velocidade, ouço o cantar do pneu, o roncar do motor, o pé no acelerador, o arfar do motorista]

Levanto-me e vou ao banheiro. Jogo água na cara, escarro e cuspo. A água da torneira leva embora a secreção verde escura pelo ralo... pelo ralo. Levanto a cabeça e olho o rosto estranho que me encara com familiaridade. Ele está lá com aqueles olhos pequenos e fundos, vermelhos, uma cara sebosa e barbuda, uma cara de cachorro com fome. Encaro a miséria e ela me incomoda, me causa asco, repugnância, essa expressão de súplica sem dignidade, toda essa fraquesa

[de repente a mão do desespero salta do espelho para comprimir meu coração, contorço a face de dor e o rosto que me encara ri com cinismo e crueldade, a expressão do covarde subserviente e invejoso que vê a degradação do seu objeto de inveja, o escravo que escarnece do senhor quando a situação se inverte e é ele quem açoita – a mão aperta com mais força, a gargalhada ecoa em minha cabeça. GRITO!

MURRO!
ESPELHO!
ESTILHAÇO!]

Ele

Ro q uE
s to ueM
Q uoS
?

O sangue. A água da torneira leva tudo embora pelo ralo... pelo ralo.

Saio do banheiro. Sento na cama. Eu na parede. O relógio defronte. A janela no chão. A porta no teto. Olho pra baixo — pela janela — o letreiro luminoso. O bom e velho



's Bar O que nunca fecha

Onde as putas, cafetões, ladrões, traficantes, viciados e travestis rastejam deploráveis nessa cidade esquecida por Deus, se é que Ele algum dia já tomou conhecimento de sua existência.

...preciso de cigarros.

meus vizinhos são trabalhadores empenhados e passam as madrugadas tecendo suas camas nos cantos do teto. Cumprimen-
tam-me circunspectos enquanto desço as escadas.

*[foielaquempediu porissoeunãotiveculpadenadaeraumavadiaqueriase
aproveitarbatibateiporradaninguémvaisaberninguémviuinguémvai
sentirfaltajogonorioESSAPUTAeacaboutácheiodeporcariaboiandonorio
niguémsabeninguémvaiverninguémvaiverninguémvai*

VROOOOM!!

Na rua. Um clarão. Vindo rápido demais...



Luz vermelha*cidjazz* em meus olhos-mente

– Quer uma chupada, gostoso?

– Quer dar uns tiros, bróder?

– Me dá uma carteira de qualquer cigarro e uma dose do uísque mais vagabundo que tiver aí.

[todos no bar estão sentados solitários na penumbra escarlate com seus sobretudos, chapéus amarelos de abas longas cobrindo os olhos e cigarros pendendo no canto da boca]

O uísque desce ardido pela goela. Acendo um cigarro. Deixo o dinheiro sobre o balcão. Vou embora.

Na rua: um corpo estirado sobre uma poça de sangue. Me aproximo. Um rosto estranho me encara com familiaridade. Estirado na vala: sem humanidade, sem dignidade, indigente, sem família, sem ninguém, pra apodrecer e ser comido por urubus. Ninguém. Nada. Não.

Ele estende a mão. Afunda em meu peito. Comprime meu coração – força de músculos enrijecidos pela morte. DESESPERO! GRITO!

**AJUDEM! AJUDEM, PELO AMOR DE DEUS! EU MORRI!
SERÁ QUE NINGUÉM VÊ? EU MORRI!**

fundirmo-nos como no início, a unidade primeira, a unidade do homem, a unidade de Deus. Aproximo-me e afasto-me em movimentos pendulares: o corpo frio/ o frio da madrugada, o sangue quente/ a noite que arde, o asfalto escuro/ o vazio da escuridão.

Q
u u
e e
m m
s é
o s
u t
e u
u ?

e mais um ninguém morre nessa cidade esquecida por Deus, se é que Ele algum dia já tomou conhecimento de sua existência.

– Foi só um pesadelo?! – Pra reconfortar?!– Mas o sonho é a realidade vista por um ângulo que não se quer ver na vigília. Censura pouco eficiente.

Inútil continuar tentando...

Quando naufragam as formigas

Jorge Luis Ribeiro dos Santos

Eu andei pelas bordas da vida, eu andei de soslaio numa rua sem esquinas. O vento passou de banda e abriu seus braços ao meu passo, desvencilhei-me. Eu não buscava nada, nem flores soturnas e amarelas que balançam atenção de sujas marquises. Afinal, quem vai querer amar minha velha pele comum de se chamar Francisco. Eu sentei e comi um xisburger. Balancei os pés, impus silêncio à minha presença sozinha, acariciei meus dedos. Havia mais cansaço que desânimo, havia lassidão ansiosa, enquanto carros, pessoas, risos, conversas, vultos passavam. Eu nunca sei como dar propósito à densidade do instante. Os poros do corpo de minha presença expõe-se à fuga, ausência, distância. Constituiu-se desde menino em mim um desconforto por gente. Numa quietude que é nada menos que minha intermitente inaptidão para qualquer convívio. Permaneço. Eu sou ausência, quando muito: quase. Volto ao meu lar – outro sanduíche – e os móveis rebelados no silêncio do corpo dos objetos preenchem a casa. Em suposto silêncio os objetos falam, conspiram a solidão que rastreia nos cômodos de mim. A casa despenteada em largados e desarranjos de roupas arregaladas. Faltam espaços porque os objetos domésticos parecem eriçados, vivos, irritando o espaço e brotando pelos corredores. Nem os olho ou toco e eles metastaseam-se pelos cantos

e me acuam, são tantos a compor as grades dos dias: sabonetes, meias, contas, pratos, janta, chaves, celulares, jornais, preços, notícias, roupas, mensagens: ruídos overdosados sem intervalos de silêncios. E isso que cai com lenta apatia nos gestos nada faz além de grudar a sombra das coisas. Horas que ficam depositadas sobre a mesa, no pires. Guardada dentro de um pedaço de pão está a tarde amolecida e quente, suada gordura na face do queijo. O que mais oprime que a casa vazia, até de solidão, é que há um quanto de tempo de andar desatento, apenas cumprindo a medida dose do afeto enquanto pássaros suburbanos pousam na face das pedras e o sangue escorre nas margens da noite. Notícias e papéis serão recicladas em monotonia informativa. Nada importa agora, preciso é daquele lanche de indiferença, sobre a mesa, que me nutre. Pois que eu atravesso a idade das cascas e o problema é que este súbito e conturbado encontro comigo me deixa vazio, ou pior, reverbera o mundo ao largo de minha carne e de meus afetos. Não sei em que coágulo do passado perdi, ou aprendi representá-los. E tudo caiu do palco de mim, e é o peso embrulhado da vazia casca do que contendo em quarenta e nove anos. Quanto dura fazer uma tristeza e sedimentá-la? Um homem triste dura muito, ou dura-se muito evitá-la, tanto faz. Sempre dura o mesmo tempo bastante para não evitar que o faça. O esforço por prazer e alegria consumiram tudo, porque eram lapsos, tréguas de mim e da secreta armadilha de angústia. Mas não é mesmo a vida que tece dia a dia nossa calma e sorradeira morte? Assim eu fiz. Eu vivi bolhas futuras. Por isso me perco fácil no vácuo da vida quando contraditório me rebelo das âncoras. Mas no fundo eu sei que não haverá rupturas. O que se faz quando perto de nós fende o que se acha ser liberdade, ou para ser mais complicado, quando no tempo obeso e lento mais uma semana se inicia no conforto da previsibilidade?

O mal-humorado

Paulo Roberto da Costa Sá

Que vida chata a minha! Talvez, por isso, eu seja tão mal-humorado. Também, como pode alguém ter senso de humor, se a vida é uma sucessão de fracassos? Veja se você não concorda comigo: com tudo dando sempre tão errado, como posso ter bom humor?

Natimorto, isso mesmo: nasci morto, que sorte, ia morrer anjo, sem pecado. No entanto, minha mãe, para não me deixar morrer pagão, decidiu, ali mesmo na enfermaria da maternidade, me batizar. Quando o primeiro pingo d'água caiu no meu nariz, engasguei e tossi, voltando a respirar: que azar, vivi!

Na infância não tive catapora, nem sarampo, ou seja, não adoecia e sempre tinha que ir à escola; acabava sendo sempre o primeiro da classe, ganhava medalhas e elogios o tempo todo: um tédio! Não ria, estou só começando!

Na adolescência jogava bola, mas quebrei o punho e, como não tinha o que fazer, comecei a ler: fiquei viciado, (um horror!) desde Guimarães Rosa a Conan Doyle e Tio Patinhas, lia tudo. Sem contar com Chico Buarque, Caetano Veloso, Fagner, Djavan, Belchior, Roberto Carlos, Zé Ramalho, Vinicius de Moraes e toda essa velharada chata que minhas irmãs ouviam e eu era obrigado a ouvir também. Mas, pelo menos, na escola escutava Titãs, Paralamas,

Legião, Capital Inicial, Ira Camisa de Vênus, Kid Abelha, RPM, Blitz e por aí vai. Não há cristão que aguento tudo isso com senso de humor.

Com 16 anos passei no vestibular em medicina na UFPA. Que azar, ficaram uns 10 na minha frente! Como prêmio, tive que abandonar uma brilhante carreira de oficce-boy na Caixa Econômica, para ser professor de Química no então maior cursinho da cidade. De lá pra cá, nunca fiquei desempregado um dia sequer, só trabalho e mais trabalho, que saco! Nunca tive muito tempo pra gastar o dinheiro que eu recebia.

Tive apenas quatro filhos, porém, lindos e saudáveis. Entretanto, com esse mau humor e azar, tive que tê-los com quatro lindas garotas diferentes. Nunca tive muita sorte com mulheres; atualmente namoro uma universitária velha de 22 anos. É a vida! Sempre implacável comigo...

Com 25 anos fiz vestibular pra química. Passei, na merda, em primeiro lugar. Escrevi, então, um livro de química, fiquei endividado, mas sei lá quem gostou e o colocou como referência bibliográfica do vestibular, parece que nada acontece na minha vida: que droga! Pelo menos paguei as dívidas e comprei um carro zero, mas eu mereço. Escrevi um romance, *Lovers on the quay* e só me falta agora alguém gostar desse também para eu virar um imortal.

Com 33 anos fiquei muito doente, fiz uma cirurgia delicada que, obviamente, foi um fracasso. Ia morrer, pelo menos era o que os médicos diziam, mas até agora estou vivo, acho que a morte esqueceu de mim de novo. Dá pra acreditar? Rejeitado duas vezes!

Fiz prova para o mestrado, tirei a maior nota de química (quase nove), quem manda não estudar! Acabei errando uma questão. Mesmo assim, ganhei uma bolsa de estudos, mas como nunca fiquei desempregado, tive que abdicar dela em favor de quem não trabalha.

E a vida, sempre me exigindo que dê o exemplo, parece que não tem outro pra atormentar.

Meu chefe se auto declara o primeiro em tecnologia, mas mal consegue abrir sua caixa de e-mail sozinho; tive então que passar dez dias em São Paulo, nos Jardins, com tudo pago pra conhecer um cara *fera* em tecnologia de ponta. Na verdade, só para eu conversar com ele, o *esperto* do meu chefe pagou duzentinhos, já que na vez anterior, quando foi sozinho, tinha pago também, mas não entendeu lhufas do que o cara falou. Quer dizer, enquanto falou, porque depois de uma hora ficou calado e só abriria a boca se pagasse mais duzentos.

Antes de pegar o avião, meu chefe, *esperto*, me avisou: “*Vitor, aquele cara é maluco, do jeito que tu és mal-humorado, vocês vão acabar brigando. Cuidado, tenha calma!*”. Viajei pensando nisso. Chegando lá, fui conhecer o sujeito, ele dormia o dia todo e só atendia a partir das 18h. Cheguei lá às 19h, ele me atendeu com um sorriso, pediu que eu entrasse e perguntou o que eu queria saber. Fiz as perguntas mais importantes e quando nosso papo completou uma hora, agradeci e ia me despedir, porém, ele disse: “*Vitor, eu ainda não terminei!*” Resultado: ficamos mais algumas horas conversando, depois ele me convidou para jantar, fomos a um restaurante e ficamos até de madrugada falando sobre tudo, menos tecnologia. Voltei no outro dia, ele me ensinou muitas coisas e mantemos contato até hoje. Lembro de uma frase que ele usou naquele dia para definir o conhecimento do meu chefe sobre tecnologia: “*Ele confunde bife à milanesa com bife ali na mesa. Odeio apedeutas!*”

Semana passada, meu chefe me demitiu, alegando que era por causa do meu mau humor, mas, coincidentemente, no dia em que fui demitido, havia dito que o coordenador de química, escolhido por ele, era um apedeuta, pois havia “estudado muito” e tirado 2 na prova de Química do mestrado (aquela em que eu tirei a maior nota).

Engraçado, prefiro dizer a verdade, mesmo que ela não tenha graça, do que ser um palhaço mentiroso.

Mas há também verdades engraçadas, como aquela que o “maluco” de São Paulo disse: Meu ex-chefe é um apedeuta! (vou rir baixinho pra não perder o mau humor).

A vida continua, mas, ainda não consegui descansar, pois no mesmo dia em que fui demitido recebi uma proposta maior para fazer uma consultoria em tecnologia educacional, graças ao que aprendi com o maluco de São Paulo que meu ex-chefe pagou. Aliás, hoje recebi minha indenização do meu ex-trabalho e devo estar muito mal-humorado com todo esse dinheiro. Acho que vou acabar morrendo de rir (rsrs...).

Tipologia Adobe Caslon Pro 11,5/16
Papel Capa em Triplex 300 g/m²
e miolo em Pólen Print 90 g/m²
Formato 15,5x22,5 cm
Impressão Gráfica da UFPA
Tiragem 1000

I PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

Poesias

Josiclei de Souza Santos
Ivanes Lian Costa Araújo
Reinaldo Silva Santana
Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior
Tércio Heitor de Sousa Moreira
Abílio Pacheco de Souza
Giselle Corrêa Alves
Antônio Eurico Barbosa da Silva
Thiago da Cunha Nascimento
Jorge Luis Ribeiro dos Santos
Raphael Gomes
Fabrício Gean Lopes Guedes
André Luis Valsdares de Aquino
Francisco Ewerton Almeida dos Santos
Esther Mirian Cardoso Mesquita
Ricardo Bezerra Sampaio
Ana Lia Magno Reis
Silvane dos Passos Barbosa
Daniel Prestes da Silva
Inaê de Brito Albuquerque Nascimento

Contos

Jorge Fernando Negrão de Lemos
João Pereira Loureiro Júnior
Adriano Wilkson Vieira Fernandes
Devison Amorim do Nascimento
Antônio Maurício Dias da Costa
Arthur da Costa Almeida
Adelaide Maria Assunção de Miranda
Paulo Roberto da Costa Sá
Francisco Ewerton Almeida dos Santos
Jorge Luis Ribeiro dos Santos

Crônicas

Jorge Domingues Lopes
Jeniffer da Silva Abreu
Abílio Pacheco de Souza
Bárbara da Fonseca Palha
Jorge Luis Ribeiro dos Santos
Raphael Gomes
Fabrila de Cássia Silva da Rocha
Jéssica de Souza Carneiro
Wilson Max Costa Teixeira
Adriano Wilkson Vieira Fernandes
César Augusto Martins de Souza
Jamile Santos Lago
Adriano Eduardo Costa de Figueiredo
Rosiris Lopes Rodrigues Mendes
Otto (pseudônimo)



PROEX
Pós-Graduação de Extensão UFPA



I PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos

ISBN

